



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**GABRYELLA LOURENNA SILVA DE SOUZA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Subsídios Teórico-Metodológicos para se Pensar  
o Desenvolvimento Integral das Crianças**

CAJAZEIRAS

2013

**GABRYELLA LOURENNA SILVA DE SOUZA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Subsídios Teórico- Metodológicos para se Pensar  
o Desenvolvimento Integral das Crianças**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. *Hercília Maria Fernandes*

CAJAZEIRAS

2013

---



S729c Souza, Gabryella Lourenna Silva de.  
A Contação de Histórias na Educação Infantil: subsídios teórico-metodológicos para se Pensar o Desenvolvimento Integral das Crianças / Gabryella Lourenna Silva de Sousa. - Cajazeiras, 2013.  
63f.: il. color.

Não disponível em CD.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2013.  
Contém Bibliografia e Anexos.

1. Educação infantil. 2. Contação de historias. 3. Conto infantil - subsídios metodológico. I. Fernandes, Hercília Maria. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 373.2

**GABRYELLA LOURENNA SILVA DE SOUZA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Subsídios Teórico-Metodológicos para se Pensar  
O Desenvolvimento Integral das Crianças**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras-PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da prof<sup>a</sup>. Ms. *Hercília Maria Fernandes*.

Aprovada em: \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. *Hercília Maria Fernandes* - Orientadora  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. *Stella Marcia de Morais Santiago* - 1º Examinador Titular  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. *Maria Ioneida Ramalho Bueno* - 2º Examinador Titular  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. *Maria Janete de Lima* - 3º Examinador Suplente  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

Dedico:

Aos meus pais, pessoas especiais em minha vida, José Milton de Souza e Maria Auxiliadora Silva de Souza, grandes incentivadores e exemplos a serem seguidos.

A minha irmã Fernanda, meu esposo Helvio e minha filha Hevilly, que me acompanharam e me deram estímulos nos momentos difíceis, e, acima de tudo, tiveram paciência ao longo desse trabalho.

Enfim, a todos que me ajudaram dando força para que eu pudesse continuar com o intuito de realização desse sonho.

Agradeço:

Em primeiro lugar a Deus, por todas as coisas que tenho alcançado.  
Aos meus pais pelo incentivo que até hoje me dão para que eu possa realizar meus objetivos.

À minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Hercília Maria Fernandes, pela paciência e ensinamentos  
ofertados nas orientações.

Obrigado por tudo.

*Gabryella Lourenna Silva de Souza*

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

“Os humanos estão o tempo todo fazendo leituras e ao lerem, lêem o mundo como este lhes ensinou a ler. Lêem palavras, sons, imagens, e neste misto de textos e leituras podem refletir sobre suas ações e sobre o mundo que esta em seu entorno”.

*Ana Claudia Ramos.*

## RESUMO

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana. Utilizada, desde os primórdios da humanidade, para a transmissão de conhecimentos e estimular a imaginação por meio da linguagem oral e dos livros de Literatura Infantil. Por meio das histórias, os sujeitos humanos caminham por uma estrada de descobertas e compreensão do mundo, podendo assim transmitir valores e promover o desenvolvimento infantil em vários aspectos. Partindo destas suposições, o trabalho monográfico visa “analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento integral das crianças”, especialmente no espaço da Educação Infantil, buscando evidenciar aos educadores como inserir a narração de histórias em sala de aula, a fim de desenvolver a integração em grupo e as competências imaginativas, cognitivas, afetivas e pré-leitoras das crianças. Para compreensão da contação de histórias na Educação Infantil, fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica em torno do objeto de estudo. Nesse sentido, a pesquisa se define como “bibliográfica”, muito embora tenha se efetivado uma atividade de campo na Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Victor Jurema, no curso da revisão de literatura, para subsidiar o levantamento de sugestões teórico-metodológicas de contação de histórias direcionadas às práticas docentes. Feitas as considerações teórico-metodológicas, convém que se apresentem os caminhos discursivos pertinentes à estrutura do trabalho. O primeiro capítulo “A contação de Histórias na História: da Arte de Narrar ao Papel do Narrador” propõe compreender, histórica e conceitualmente, “a arte da contação de histórias”. O segundo capítulo “A Essência do Ouvir e do Escutar Histórias: um Olhar sobre o Desenvolvimento Infantil” reflete a importância do ouvir e do escutar histórias no processo de desenvolvimento das crianças, discutindo a contação de histórias no espaço escolar. O terceiro capítulo “Sugestões Teórico-Metodológicas para Contação de Histórias na Educação Infantil” propõe sugerir histórias e procedimentos de contação aos docentes da Educação Infantil, associando-os aos estágios de desenvolvimento cognitivo e à fase de letramento das crianças. Ao término do trabalho monográfico, reafirma-se a convicção de que a contação de histórias consiste um importante instrumento para motivar o desenvolvimento integral das crianças, especialmente quando os educadores dela fazem uso adequado a partir de uma prática pedagógica reflexiva e prazerosa.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Criança. Educação Infantil. Desenvolvimento Integral.

## ABSTRACT

The storytelling is one of the most ancient of human interaction. Used since the dawn of humanity, for the transmission of knowledge and stimulate the imagination through oral language and books of Children's Literature. Through stories, human subjects walking on a road of discovery and understanding of the world, so you can pass values and promote child development in various aspects. Based on these assumptions, the monograph aims to "examine the contributions of storytelling for the integral development of children", especially in the space of Early Childhood Education, seeking to show educators how to insert the storytelling in the classroom, in order to develop integration group and imaginative skills, cognitive, affective and pre-readers for children. For understanding of storytelling in kindergarten, it was necessary to conduct a literature search around the object of study. In this sense, research is defined as "literature", although it is effected an activity field in the Library of the State School of Basic Education Victor Jurema, in the course of reviewing the literature to support the lifting of theoretical and methodological suggestions for storytelling stories aimed at teaching practices. Made the theoretical and methodological considerations, it is appropriate to present the discursive paths relevant to the structure of the work. The first chapter "The story-Stories in History: The Art of Telling the Role of the Storyteller" proposes understand, historically and conceptually, "the art of storytelling." The second chapter, "The Essence of Stories Listen and Listen: A Glimpse of Child Development" reflects the importance of listening and hearing stories in the development of children, discussing storytelling in school. The third chapter "Theoretical and Methodological Suggestions for Storytelling in Early Childhood Education" proposes to suggest stories and storytelling procedures for teachers of early childhood education, linking them to the stages of cognitive development stage and the literacy of children. At the end of the monograph, reaffirms the belief that storytelling is an important tool to motivate the integral development of children, especially when educators make proper use of it from a reflective teaching practice and pleasurable.

**Keywords:** Storytelling. Child. Early Childhood Education. Integral Development.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA HISTÓRIA: DA ARTE DE NARRAR AO PAPEL DO NARRADOR.....</b>	<b>13</b>
1.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: BREVE RESGATE HISTÓRICO.....	14
1.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE.....	18
1.3 A ARTE DA NARRATIVA: O PAPEL DO NARRADOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	19
<b>2 A ESSÊNCIA DO OUVIR E DO ESCUTAR HISTÓRIAS: UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....</b>	<b>24</b>
2.1 A CRIANÇA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	24
2.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	26
<b>2.2.1 A Criança e as suas Fases de Desenvolvimento.....</b>	<b>28</b>
2.3 A IMPORTÂNCIA DE OUVIR E ESCUTAR HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA.....	29
<b>3 SUGESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>37</b>
3.1 AS HISTÓRIAS DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE LETRAMENTO DA CRIANÇA.....	39
3.2 O QUE CONTAR PARA AS CRIANÇAS.....	42
<b>3.2.1 Os Recursos que Enriquecem a Prática de Contação de Histórias....</b>	<b>44</b>
3.3 HISTÓRIAS ESCOLHIDAS E SUGESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE CONTAÇÃO.....	45
<b>3.3.1 Histórias da Coleção Gato &amp; Rato.....</b>	<b>46</b>
3.3.1.1 "Mariana.....	46

## INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma arte literária existente desde os primórdios da humanidade, passada de geração a geração. Sendo um instrumento de transmissão de ideias e conhecimentos dos povos antigos, a contação de histórias, até os dias atuais, consiste uma maneira de (re)produzir vivências e experiências dos povos antecedentes aos mais novos, de modo a motivar reinvenções. Através da contação de histórias, as crianças e os jovens se tornam mais autênticos, ampliam competências do pensamento autônomo, tornando-se capazes de enfrentar problemas ocorridos nas sociedades em que estão inseridos.

Nesse sentido, o tema abordado nessa monografia, “a contação de histórias na Educação Infantil”, reflete a importância das práticas de contação de histórias na promoção do desenvolvimento integral das crianças. Acredita-se que a contação de histórias, por colocar em movimento diversas competências cognitivas, afetivas e psicomotoras dos participantes, consista uma atividade necessária e indispensável ao processo de desenvolvimento e formação da criança, devendo ser valorizada pela escola e, em especial, pela instituição de Educação Infantil.

O motivo que originou a escolha deste tema condiz à experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado em que se pôde observar a atenção e a interação das crianças dos Anos Iniciais da Educação Infantil direcionadas às práticas com a Literatura Infantil, especialmente nas situações vivenciadas na Biblioteca Pública Municipal de Cajazeiras. Nas visitas e práticas desenvolvidas na biblioteca, pôde-se verificar como as crianças da Educação Infantil gostavam de ouvir histórias infantis, prestando bastante atenção nas contações mediadas pelos adultos, professores e estagiários.

Tendo por bases os motivos explicitados, a monografia intitulada “A contação de Histórias na Educação Infantil: Subsídios Teórico-Methodológicos para se pensar o Desenvolvimento Integral das Crianças” propõe discussões sobre as contribuições que a contação de histórias proporciona aos ouvintes, pressupondo que a contação de histórias favorece ao desenvolvimento integral infantil na medida em que aguça a curiosidade, a atenção e a imaginação da criança, ampliando competências cognitivas e pré-leitoras pelo gosto e prazer de escutá-las. Assim, defende-se a contação de histórias como uma ferramenta importante a ser utilizada pelos(as) educadores(as) na Educação Infantil.

Para compreensão da contação de histórias na Educação Infantil e, igualmente escrita do texto monográfico, fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica em torno do objeto de estudo. Nesse sentido, a pesquisa se define, em termos metodológicos, como “bibliográfica”, muito embora tenha se efetivado uma atividade de campo no curso do desenvolvimento da pesquisa bibliográfica para alcançar um dos objetivos delimitados. A definição de pesquisa bibliográfica condiz ao fato de ter se efetuado uma revisão de literatura em torno do tema central e categorias pertinentes, motivando assim o levantamento de sugestões teórico-metodológicos de contação de histórias direcionadas às práticas docentes na Educação Infantil.

De acordo com Matos K. (2002, p. 40), a pesquisa bibliográfica é realizada “[...] a partir de um levantamento de material com dados já analisados, publicados por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de *websites*, sobre o tema que desejamos conhecer”. Assim, um ponto importante em torno da pesquisa bibliográfica diz respeito à credibilidade das fontes pesquisadas. Segundo Gil (1987, apud MATOS K, 2002, p. 40): “A segurança quanto à seriedade das fontes é outro elemento importante na realização de nosso trabalho”.

Nesse sentido, partindo das reflexões teóricas motivadas com a pesquisa bibliográfica, definiu-se como objetivo geral: “*analisar as contribuições da contação de histórias no desenvolvimento integral das crianças*”. Este objetivo constitui a matriz estrutural do trabalho monográfico. Todavia, a fim de alcançá-lo, três objetivos específicos igualmente foram delimitados, quais sejam: *compreender, histórica e conceitualmente, “a arte da contação de histórias”*, e, com o objetivo, quais elementos lhes são pertinentes e qual o papel do narrador durante as práticas de contação. Este objetivo fora desenvolvido no primeiro capítulo da monografia intitulado **A contação de Histórias na História: da Arte de Narrar ao Papel do Narrador**.

O segundo objetivo específico correspondeu a “*refletir a importância do ouvir e do escutar histórias no processo de desenvolvimento das crianças*”. Para tanto, propõem-se, no segundo capítulo da monografia intitulado **A Essência do Ouvir e do Escutar Histórias: um Olhar sobre o Desenvolvimento Infantil**, discutir a contação de histórias no espaço escolar, apresentando a sua relevância no processo de desenvolvimento das crianças, tendo em vista as fases de desenvolvimento cognitivo, bem como a importância da contação de histórias no processo de letramento das crianças.

Propostas as reflexões analíticas sobre as contribuições da contação de história no desenvolvimento da criança, o terceiro objetivo específico correspondeu a “*oferecer*

*sugestões teórico-metodológicas para utilização da contação de histórias na Educação Infantil*". Este terceiro objetivo se desenvolve na monografia no capítulo intitulado **Sugestões Teórico-Metodológicas para Contação de Histórias na Educação Infantil**. No capítulo, propõe-se sugerir histórias e procedimentos de contação associando-os aos estágios de desenvolvimento cognitivo e à fase de pré-letramento das crianças. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, fez-se necessário realizar uma atividade de campo para compreender o acervo de histórias existentes nas escolas e, simultaneamente, as condições de uso. Nesse sentido, através de visitas feitas à Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Victor Jurema (E.E.E.F.V.J.), e, por considerar a relevância do(a) educador(a) refletir *o quê, para quê e como* contar histórias no espaço escolar, a pesquisa optou por associar às histórias a serem contadas ao desenvolvimento infantil e à apropriação de procedimentos e recursos, bem como a escolha se guiou por histórias clássicas que integram a Literatura Infantil, até em razão da Escola visitada conter, em seu acervo literário, as histórias selecionadas.

Diante dos objetivos, geral e específicos, delimitados, discussões e sugestões teórico-metodológicas propostas, a pesquisa e escrita da monografia desenvolveram-se a partir de um corpo conceitual que envolve desde a compreensão da contação de histórias, em que se utilizou do pensamento teórico expresso por Abramovich (2004); Benjamin (1994; 2008); Coelho B. (2009); Coelho N. (1991; 2001); Meireles (1984); Sampaio (2011), Zilberman (2003), entre outros, que teorizam a arte e os significados da contação, aos processos cognitivo-simbólicos que envolvem o desenvolvimento linguístico, afetivo e psicossocial da criança, onde se utilizou das teorizações postuladas por Piaget (1988) e Vygotsky (1984), bem como às discussões sobre as preparações e os recursos que envolvem a contação de histórias na educação infantil, em que se destacam os estudos de Antunes (2008) e Oliveira (2009), entre outros.

Ao tecer as considerações introdutórias sobre o trabalho monográfico, reafirma-se a visão de que a contação de histórias pode consistir um importante instrumento para motivar o desenvolvimento integral das crianças. Com a convicção, espera-se que este trabalho científico contribua teórica e metodologicamente para a orientação dos(as) professores(as), especialmente da escola visitada, que desejam ampliar conhecimentos em torno da temática a fim de desenvolverem práticas significativas com a contação de histórias na Educação Infantil.

## 1 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA HISTÓRIA: DA ARTE DE NARRAR AO PAPEL DO NARRADOR

A contação de histórias é uma arte literária que existe desde os primórdios da humanidade. Compreende as manifestações culturais passadas de geração a geração. Contar história tem sido um caminho eficiente para transmitir ideias, conhecimentos, experiências vividas e promover o ensinamento às novas gerações no que diz respeito às formas de vida das civilizações.

Ela não representa somente uma ficção ou um mito contado pelos mais velhos aos mais novos, é uma maneira de reproduzir vivências e experiências. A contação de histórias está inserida na literatura e representa as formas de narrativas que traduzem laços sociais, que oferecem vida aos mitos, fazendo os ouvintes viajarem em um universo de pura imaginação, entre a ficção e o real. A esse respeito, Zilberman (2003, p. 25) esclarece que:

A literatura sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

A ficção no contexto da contação de histórias abre um espaço muito significativo para a transmissão e aquisição de informações e de conhecimentos acerca do modo de vida dos povos - seja nos aspectos sociais ou culturais - ao longo da sua trajetória histórica. A literatura, nessa perspectiva, é uma maneira encontrada pelos homens de repassar as suas ideias e conhecimentos de vida de maneira informal, por corresponder a uma prática que não exige, contundentemente, formalidades para gerações futuras.

Quando se escuta falar que alguém vai contar uma história, surge o desejo de escutá-la. Principalmente, quando se trata da contação feita por pessoas de mais idades, mais experientes que conseguem, ao contar uma história do passado, dar um verdadeiro brilhantismo e uma sensação enigmática, de mistérios que prendem o ouvinte fazendo-o viajar para dentro da história.

Afirma Coelho N. (1991) que contar histórias é a mais fascinante de todas as formas de descrever situações, vivenciadas ou não. É também a mais antiga e tradicional. É a autêntica expressão do narrador que busca de maneira fiel reproduzir uma dada história. Não exige do contador, a princípio, a adoção de muitos acessórios, apenas a entoação de sua voz, com os fatos e acontecimentos, e o conhecimento das histórias a serem narradas.

De gerações a gerações sempre se escuta falar ou mesmo são vivenciados momentos em que pessoas sentadas ao redor de uma fogueira, diante da lua, ficavam a ouvir histórias, sem pestanejar. Significa dizer que, desde os tempos remotos, em qualquer civilização, um contador de histórias sempre encontrou um espectador, alguém que lhe escutasse.

Assim, contar histórias não é algo apenas inerente aos aspectos que envolvem as civilizações, mas que também estão inseridas no contexto espiritual e afetivo do ser humano. As melhores histórias são aquelas contadas de forma espontânea e não mecanizada, isto é, quando não há um sentimento, um sentido efetivo para contá-la, pois ela parte de toda uma bagagem cultural e de experiência de vida de quem a conta. Contudo, independente de qualquer sentido, o contar histórias pressupõe, antes de tudo, a vontade de expressar o que se sabe, transmitir sabedorias e conhecimentos com vistas a reviver momentos já vivenciados por outras gerações.

Nesse sentido, o contar histórias assume, como um dos seus objetivos, ampliar o círculo de informações através de um senso de partilha e compartilhamento das histórias do ontem para o hoje e para o amanhã. Segundo Coelho N. (1991), nas sociedades tribais primitivas essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, às crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Através da realidade, a cultura popular se manteve sem pergaminhos ou iluminuras apenas na memória viva.

## 1.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: BREVE RESGATE HISTÓRICO

A arte de contar histórias consiste em uma tradição muito antiga, datada de anos antes de Cristo, e reporta-se às origens da sociedade humana como uma das primeiras manifestações culturais do homem, sendo mantida por vários povos. A narrativa oral das vivências de heróis fictícios é capaz de criar laços sociais, nutrindo o inconsciente coletivo através de uma linguagem fantasiosa e relativamente dramatizada. As histórias eram contadas

oralmente e se expandiram com sucesso mais especificamente em lugares como a Grécia Antiga e o Império Árabe.

Nas antigas sociedades agrárias, contar histórias consistia um processo espontâneo. Os mais velhos estavam sempre contando casos e lendas, mesmo porque eram através das histórias que se tentavam ensinar normas de conduta ao seu povo, alertarem a perigos existentes ou simplesmente ensinamentos exemplares. Ouvir uma história, contá-la e recontá-la, durante muitos anos, foi a maneira de preservar os valores e a coesão de uma determinada comunidade. A história é um instrumento que a humanidade desenvolveu como veículo para passar informações através do tempo. Cada cultura tem um estoque de histórias que, originárias ou não daquela cultura, objetivam fundamentalmente atingir as preocupações inerentes a todo ser humano. Através das narrativas orais, as tradições, os valores e toda a identidade dos povos puderam ser preservados mesmo no tempo em que ainda não havia a escrita. De geração em geração, o conhecimento era passado, tendo como resultado um rico mosaico de culturas.

Cristo ensinava através de parábolas, estimulava a interpretação de suas histórias para que os ouvintes percebessem o fundo moral. Para a poetisa e educadora Cecília Meireles (1984), as histórias são para as crianças o que as parábolas de Cristo são para os cristãos. A contação de histórias é uma arte tão antiga, que se confunde com a história da cultura humana. Assim, a contação de histórias está intrínseca e extrinsecamente ligada à própria história da humanidade, sua evolução biológica, social e cultural. Embora a literatura infantil tenha se consolidado em fins do século XVII com o francês Charles Perrault, outros representantes dessas histórias são: Andersen e os Irmãos Grimm. Esses autores, de alguma forma, recolheram diretamente da memória popular, as antigas narrativas ou lendas, conservadas pela tradição oral (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Segundo Abramovich (2004), o significado de escutar histórias pode traduzir uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessam e vivenciam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história (cada um a seu modo...) e, assim, esclarecer melhor os de outros sujeitos ou encontrar um caminho possível para a resolução deles (ABRAMOVICH, 2004).

Nesse sentido, a estrutura e os temas das histórias estão sendo examinados como uma forma para compreender os mecanismos padrões de pensamento e comportamentos humanos. Para Sampaio (2011), Professora de Literatura e contadora de histórias:

A arte da contação de histórias sempre existiu, só que em contextos diferentes. No ambiente social das comunidades rurais, nas famílias e nas escolas. É um ritual que surgiu dos ideais das famílias burguesas do século XVIII. Apesar de muita gente associá-lo àquela figura do avô ou da avó contando histórias para seus netinhos, não creio que a contação traga esta nostalgia atualmente. Poucas gerações da maioria das famílias brasileiras preservam este ritual. Mas as histórias atravessam os anos, fazendo parte do imaginário coletivo, daquilo que somos como civilização (SAMPAIO, 2011, p. 31).

A contação de histórias, dentro dessa perspectiva de entendimento, está enraizada na formação cultural de cada povo, de cada civilização que transcendem períodos históricos. O ser humano precisa está inserido em um processo cultural, fazendo parte de uma família, de uma sociedade pela qual é acolhida, sua aprendizagem torna-se enriquecida pelos costumes, pela forma de viver e conviver, haja vista que são os traços de uma civilização que transpõem as barreiras do tempo. É produzir, mas, acima de tudo, transmitir e reinventar as narrativas do passado para vivenciar o presente e construir o futuro. Sem deixar se perder os traços culturais, os vínculos afetivos, a evocação dos saberes, da imaginação. Ouvir histórias insere os sujeitos no contexto da historicidade, segundo teoriza Sampaio (2011).

Cecília Meireles (1984, p. 47), ao historicizar as origens da contação de histórias, no livro *Problemas da Literatura Infantil*, esclarece que:

O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo esse estilo é encontrado: já os profetas o mencionam. E por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, tem selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida.

A contação de histórias tem sido um desvendar do modo de vida dos seres humanos, que encontram, nessa forma de comunicação oral, o caminho para manter vivas as tradições, os hábitos, as culturas, tornando-as parte do contexto sócio-cultural de todas as gerações. Nessa perspectiva, Sampaio (2011) acrescenta que, mesmo estando vivenciando a supremacia das imagens visuais, dos avanços técnico-científicos, as imagens mentais que são geradas através das histórias lidas ou contadas não perderam a sua importância no contexto social, no contexto histórico da humanidade.

Na antiguidade, a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita. Apesar desse desmerecimento, os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes. Reunir-se para ouvir histórias era uma atividade considerada dos simplórios. Essa realidade explica porque durante tanto

tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas a ouvintes adultos e crianças que não sabiam ler. Essas práticas, no entanto, hoje em dia, se efetivam de modo diferente, pois, segundo Tahan (1957, p. 24), “nos dias atuais, os povos civilizados ou não, utilizam a história como um veículo de eternas verdades, na conservação de tradições, assim como na difusão de novas ideias”.

O humano descobriu que a história, além de entreter, provocava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que as suas narrativas proporcionavam. O contar histórias, por muito tempo, foi uma atividade oral. As histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Na idade média, o contador era respeitado em todos os lugares em que se apresentava e se inseria. Talvez porque a experiência de contar e ouvir histórias corresponda a um alimento ao espírito, à necessidade humana de conhecimento e instrução. Para Meireles (1984, p. 49): “[...] conta-se e ouve-se para satisfazer essa íntima sede de conhecimento e instrução que é própria da natureza humana. Enquanto se vai contando, passam os tempos do inverno, passam as doenças e as catástrofes [...]”.

O gosto de contar histórias, acrescenta Meireles (1984), é similar ao de quem a escreve, e que os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores, assim como o gosto de quem ouve as histórias é similar ao de quem as leem. É por essa razão, considera a autora, que as bibliotecas mesmo antes de serem ínfimas estantes empoeiradas, cheias de livros, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas (MEIRELES, 1984, p. 49).

Os gêneros cantados, contados e escritos se misturavam diante das sensações de vivenciar os acontecimentos, de reviver (para quem as narra ou as escrevem) momentos passados, como no caso dos trovadores que obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular. Já na escrita, que surge ao lado das histórias orais, faz nascer às histórias escritas e com elas a história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginados (ficção).

Nessa perspectiva, a contação de histórias compreende histórias fictícias ou reais, contadas por povos, a fim de que sejam levadas e lembradas por inúmeras gerações. A contação de histórias corresponde à origem da literatura, a literatura infantil nasce, portanto, dos contos populares. No Brasil, a arte da contação de histórias também se relacionou ao surgimento da Literatura Infantil, que, segundo Lajolo e Zilberman (2007), coincidem com a

abolição da escravatura por volta do século XIX. Nesse período, diversos fatores, como, por exemplo, a extinção do trabalho escravo, o crescimento da população urbana e a própria modernização sociocultural, contribuíram para o fortalecimento da Literatura Infantil e, conseqüentemente, para a sua difusão por meio do ato de contar histórias, prática que se expandiu nas escolas brasileiras até os dias atuais.

## 1.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Matos G. (2005, p. 101) define a contação de histórias como sendo “a arte da palavra que se atualiza no presente, no momento em que é pronunciada pela voz do contador de histórias, para quem a relação com o ouvinte é direta e imediata”, considerando que: “[...] ambos estão presentes no mesmo lugar e compartilham a produção narrativa no mesmo instante em que ela se dá.

Nessa direção de entendimento, a maioria das pessoas reconhece o momento da contação de histórias como um contexto presencial, desde pais contando histórias para os filhos na beira da cama até as bibliotecas públicas onde muitas crianças assistem atentas às narrativas apresentadas ou em noites de contos endereçadas aos adultos, entre outras paisagens possíveis. Entretanto, a contemporaneidade suscita novos cenários, diferentemente do contador de histórias tradicional, cuja arte era aprendida no viver comunitário (LIMA, 2005). O narrador contemporâneo forma-se através de oficinas, constrói o seu repertório e sua memória através de livros, cria performances para a televisão, usa vídeos para o registro do próprio trabalho, os posta no canal *Youtube* que, por sua vez, torna-se fonte para outros contadores de histórias.

Ao fazer uso da linguagem midiática para contar uma história, a figura do contador abre mão do olhar imediato do ouvinte, desse outro com quem em princípio partilharia a construção do desempenho, esse outro que gera todo um processo de “dosagem” da história com relação à gestualidade, vocabulário, duração. O contador ou contadora passa a posicionar-se diante das câmeras, tendo, sobretudo, a palavra mediada como arma para envolver o ouvinte e encantá-lo com o repertório escolhido. Esse processo é o que Paul Zumthor (1993) chama de oralidade mecanicamente mediatizada. A performance não mais é construída com um outro, mas sim para um outro.

Por essa razão, ao se discutir a contação de histórias no século XXI, é importante destacar os vocábulos, palavra e imagem, e como a relação entre ambas se estabelece através das novas tecnologias. Além disso, é necessário refletir sobre a representação da imagem

como linguagem nos espaços formativos da Educação a Distância, especialmente quando aquela se coloca também como portadora da narrativa oral.

Ora, a cultura contemporânea é, sobretudo, visual. Se olharem para os lados, os indivíduos poderão se perceber imersos em um incrível aparato tecnológico e imagético constituído de *out-doors*, *games*, *clips*, novelas, quadrinhos, todas as formas de comunicação e mediadoras da cultura, que tomam o uso em demasia da imagem como elemento desencadeador do pensamento e da aprendizagem. O enfraquecimento da contação de histórias em sua forma tradicional no Brasil, ou seja, de boca a ouvido, pela voz proximidade entre pais, avós e vizinhos, ganhou um grande impulso com a popularização da televisão, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, este é o período em que as narrativas visuais se sobrepuseram às narrativas orais, segundo esclarece Matos G. (2005).

Walter Benjamin (2008, p. 168) refletiu com certa melancolia o desaparecimento do narrador tradicional. Entretanto, pensou a reprodutibilidade da obra de arte, do fazer artístico. Para Benjamin, a tecnologia oferece a possibilidade de “destacar domínio da tradição o objeto reproduzido”, permitindo que este vá ao encontro dos espectadores em qualquer situação e que seja sempre atualizado no momento da reprodução.

Em 1935, Benjamin afirmaria que “a reprodutibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da arte com a massa” (BENJAMIN, 2008, p. 187). Enquanto uma pintura poderia ser apreciada por poucas pessoas, o cinema poderia ser visto e consumido por uma coletividade. A televisão seria inventada naquela mesma década, e o final do século XX assistiria ao surgimento dos computadores pessoais e da Internet. Então, algo que Benjamin não pôde testemunhar, a reprodutibilidade do fazer artístico atingiria proporções nunca antes imaginadas. A contação de histórias, nesse sentido, não poderia passar ao largo das mudanças tecnológicas ocorridas.

### 1.3 A ARTE DA NARRATIVA: O PAPEL DO NARRADOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Por muito tempo, a transmissão oral, passada de geração em geração, foi uma das soluções encontradas pelas comunidades que não possuíam a escrita, para informar gerações mais novas os seus saberes, valores e crenças. Por conseguinte, aqueles saberes considerados imprescindíveis para a sobrevivência individual e grupal.

O contar histórias tem raízes fincadas nos povos ancestrais, os quais viam na narrativa das histórias uma forma de difundir os seus rituais, seus mitos, seus conhecimentos

de mundo, tanto do ponto de vista místico (sobrenatural) como nas formas primitivas do concreto. Ou seja, tanto os fatores abstratos como os concretos faziam parte das narrativas destas civilizações primitivas, as quais faziam uma junção do que era real e do que era apenas mitológico, sobre as experiências adquiridas pelo grupo ao longo do tempo.

Os contadores eram figuras de destaque na comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva, enfim, a herança cultural pela memória do grupo. Os contadores retiravam de suas vivências e dos saberes delas obtidos o que contar. Sendo assim, narrar dependia de eles colherem os saberes da experiência, e de produzi-los em objetos (visuais, auditivos, etc.) para serem apresentados a outros.

Para Benjamin (1994), os camponeses sedentários e os navegantes e/ou comerciantes foram os principais responsáveis pela preservação dessas histórias e dessa arte. Os camponeses, fixos em suas terras, conheciam intimamente as histórias do lugar onde moravam, e os navegantes e/ou comerciantes por trazerem conhecimentos de terras longínquas. Os encontros entre narrador (camponeses, navegantes e/ou comerciantes) e ouvintes (comunidade) criaram um espaço típico que Benjamin (1994) denominou de “comunidade de ouvintes”. Eram momentos em que a comunidade, geralmente distribuída em semicírculos, sentava-se a volta da fogueira para ouvir e trocar conhecimentos. Um momento performático acontecia quando os contadores narravam suas histórias. Histórias cheias de ensinamentos e conhecimentos que geravam nos ouvintes a curiosidade, e, por vezes, o conforto, a reflexão e a transformação, já que não lhes era permitida a participação na vida social e política mais ampla.

Por muito tempo, o exercício de contar histórias foi uma prática doméstica, quase sempre presente no meio rural, sendo abandonada paulatinamente com a urbanização e o surgimento de novas tecnologias. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas mídias, como a televisão, o cinema e a internet, essa arte foi praticamente excluída dos encontros sociais. Essa realidade se deve, conforme argumentação de Donato (2005), ao advento da imprensa, aos livros e aos jornais que tornaram-se os grandes agentes culturais dos povos. Os contadores convencionais, especialmente os que narravam oralmente, passaram a ser esquecidos, embora muitas das histórias que sustentavam a sua prática ainda permaneçam em cada cultura, como, por exemplo, na modalidade escrita.

Acerca dos novos contornos da contação de histórias, Matos G. (2005, p. 56) elucida que:

Contemporaneamente, a contação de história ressurgiu de forma surpreendente, dando destaque para a década de 1970, onde por diversos países assentados pelas novas tecnologias, numa sociedade altamente técnico-científica, a contação de história assume novos espaços urbanos. A Inglaterra foi um dos percussores na Europa a testemunhar esse fenômeno. Nessa mesma época as associações de contadores de histórias cresceram no mundo todo, inclusive nos Estados Unidos.

Na França, por volta dos anos de 1980, contos e contadores mostraram sua força em diversas formas de manifestações, como através de espetáculos semanais que eram oferecidos em público, festivais regionais e internacionais de contadores de histórias e também realizações de várias oficinas de formação e aperfeiçoamento (MATOS, 2005).

Nessa perspectiva, tendo em vista a contação de histórias como uma possível forma de contribuição para a aprendizagem das crianças, e, por conta disso, como algo significativo de ser utilizado pelo professor no momento do processo educativo, é importante que se conheça a opinião de alguns pesquisadores que apreciam e investigam o assunto, sobretudo que primam por formas mais adequadas de educar. Conforme Prado e Soligo (2007, p. 48):

A contação de história faz parte de uma narrativa. Narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de *épikos* – poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. Ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura.

O contador de histórias é uma figura ancestral, presente no imaginário de inúmeras gerações ao longo da História. Em um universo desprovido de recursos midiáticos, este ser era imprescindível para a formação dos futuros adultos, conferindo às crianças, através das narrativas de histórias, ‘causos’, mitos, lendas, entre outras, uma imagem menos apavorante de uma realidade então povoada pelo desconhecido. Ao mesmo tempo em que amenizava os medos e uma existência muitas vezes desfavorável, o narrador ajudava as pessoas a entenderem melhor o que se passava a sua volta, a enfrentar os dilemas e confrontos de natureza social e individual, extraindo das experiências o aprendizado mais profundo.

O narrador oral é mais antigo, remonta historicamente à Antiguidade greco-romana, na figura dos bardos, responsáveis pela transmissão de histórias, lendas e

poemas orais na forma de canções. Quanto mais desconhecido era o mundo em que se vivia, maior necessidade se tinha de povoar este universo com imagens que pudessem, ao mesmo tempo, educar e fortalecer a coragem, predispondo as pessoas a enfrentarem os monstros, dragões e demônios que habitavam suas mentes.

O contador de histórias não era um mero reproduzidor de narrativas, ele também gerava seus relatos, simplesmente mantendo-se atento à reação psicológica dos ouvintes. Conforme a disponibilidade ambiental, ele improvisava e ampliava seus contos, tendo como principal instrumento a palavra, que detém o poder de transformar o comportamento humano, como é possível perceber na mensagem transmitida pelas *Mil e Uma Noites*, onde as histórias se entrecruzam para manter Scherazade viva e livre, e, ao mesmo tempo, para curar o rei, purificando o seu coração do incessante desejo de vingança contra as mulheres. Aliás, no Oriente, esta tradição de curar a psique através da narrativa de histórias é amplamente preservada pelos psicoterapeutas.

O narrador, para melhor instrumentalizar as palavras, domina, mesmo que inconscientemente, boa parte das figuras de linguagem, de sintaxe e de pensamento, possibilitando ao contador, antigamente uma pessoa mais velha e sábia, magnetizar seus ouvintes, despertando no ambiente o poder da imaginação, tecida com uma linguagem encantada, apta a transportar as pessoas para reinos distantes e, de outra forma, inacessíveis.

Ao se notar tal importância que a narrativa estabelece entre aquele que narra e aquele que ouve, parece interessante que seja feito um maior aprofundamento desse assunto. Portanto, assim como os autores anteriores, Coelho N. (1991, p. 86), em seus estudos sobre literatura infantil e juvenil, também contribui com um conceito de narrativa:

A matéria narrativa resulta, pois, de uma voz que narra uma história, a partir de um ângulo de visão (ou foco narrativo) e vai encadeando as sequências de uma efabulação; cuja ação é vivida por personagens; está situada em determinado espaço; dura determinado tempo e se comunica através de determinada linguagem ou discurso, pretendendo ser lida ou ouvida por determinado leitor/ouvinte.

Um bom contador de histórias deve instigar, em seus ouvintes, a atenção, a curiosidade, a que cotejem seus sentimentos e valores com os narrados pela história, bem como a que compartilhem com os demais ouvintes suas reações e vivências relacionadas à história, além de instigá-los a imaginar criativamente a partir do narrado. A arte de

contar histórias depende, frequentemente, do poder de sedução do contador, poder resultante das relações que ele, ao contar, faz com a vida dos seus ouvintes e do modo como trabalha o objeto, o texto narrado, nem sempre de sua autoria, que deu suporte para a sua ação.

Benjamin (1994, p. 221) define o narrador como a:

[...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não em alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio, Pode recorrer ao acervo de toda uma vida [...] Seu dom e poder contar sua vida; sua dignidade e contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir a mecha de sua vida.

A figura do narrador pode ser percebida como a de um conselheiro que, com sua sabedoria, orienta os seus ouvintes. Sabedoria adquirida não apenas a partir da própria experiência, mas, em grande parte, pela empatia que sentiu quando observou as experiências alheias e as assimilou no seu íntimo.

Benjamin (1994, p. 221) explica que “[...] a arte de contar histórias se perdeu porque as pessoas perderam o dom de ouvir [...]”. Entende-se, conforme se elucidou anteriormente, que o visual está muito presente na sociedade moderna e a intensidade e variedade das imagens cativam os diversos sujeitos, fazendo-os se distanciarem de certa forma da escuta. As relações construídas entre os sujeitos na contemporaneidade são fortemente comunicativas, porém pouco propensas à escuta. Apesar de as relações interpessoais mais intensas se basearem na escuta, pela velocidade e rapidez com que se vive o dia a dia, deixa-se de perceber enquanto seres “de” e “em” relação. Por isso, acredita-se que os indivíduos precisam aprender a escutar.

## 2 A ESSÊNCIA DO OUVIR E DO ESCUTAR HISTÓRIAS: UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A contação de histórias tem representado, conforme visto no capítulo anterior, durante décadas, uma forma de aproximar as pessoas da história dos seus ancestrais, associando mitos e realidade, transmitindo ensinamentos, as experiências vivenciadas para serem transformadas em conhecimentos para as gerações do presente e as gerações futuras. É uma maneira de guardar os fatos e acontecimentos na memória da humanidade e a partir dos quais as sociedades vêm sendo construídas ao longo dos tempos.

Nesse capítulo aborda-se a contação de histórias tendo como principal agente desse processo a “criança”, haja vista que os contos sempre foram leituras fascinantes para as crianças, principalmente pelas fantasias que são criadas e a partir das quais as levam a viajar em um universo imaginário, transformando as experiências em algo significativo, construtivo e dinâmico.

Sobre essa perspectiva de que a contação de histórias tem como importante ouvinte-participante a criança, torna-se imprescindível descrever como acontece esse processo de interação da criança com a contação de histórias. Portanto, discute-se, a seguir, a relação entre o ouvir e o escutar, entre o ser criança e as fases do desenvolvimento cognitivo, como também o significado da contação de histórias no processo de desenvolvimento das competências leitoras.

### 2.1 A CRIANÇA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que deseja ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. As histórias vão se tornando aos poucos mais extensas, mais detalhadas. A criança passa a interagir com as histórias, acrescentando-lhes detalhes, personagens ou lembra-se de fatos que passaram despercebidos pelo contador.

Essas histórias reais consistem práticas relevantes para que a criança estabeleça a sua identidade e compreenda melhor as relações familiares. Outro fato significativo é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador de histórias e a criança. Contar e ouvir uma história aconchegada a quem se ama, é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros. Algum tempo depois, as crianças passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como: contos de fadas ou contos maravilhosos, poemas, ficção, etc. As crianças apresentam, nessa perspectiva, a possibilidade de envolver o real e o imaginário, segundo esclarecem Lajolo e Zilberman (2007, p. 15): “a partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar um pouco do que tem de real e de imaginário em torno de si”.

É importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, pois “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme o prazer em ouvi-las” (ABRAMOVICH, 2004, p. 23). Por outro lado, quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram também a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar.

Na visão de Coelho N. (1991), a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens é atribuída à palavra escrita. Justifica que, apesar dos indícios pessimistas acerca do futuro do livro, principalmente os de literatura, nessa era de tecnologia, imagens e comunicação instantânea, a palavra literária está mais viva do que nunca e nenhuma forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite. A literatura através das novas tecnologias estimula também a imaginação das crianças. A exemplo dessa realidade, os *sites* e *blogs* educativos que trazem histórias contadas através de vídeos animados, que combinam diversas linguagens. O que leva a crer que a mudança de suporte material em que a palavra literária é veiculada não ocasionou o enfraquecimento da literatura, já que a informação e a comunicação via internet se processam, basicamente, por meio do código escrito.

A literatura oral e a literatura escrita, da mesma forma que contribuíram para a transmissão das tradições e as transformações dos valores herdados, igualmente se fazem necessárias aos dias atuais, considerando que a literatura age sobre a formação de novas mentalidades. Segundo Coelho N. (1991), a Literatura oral e a literatura escrita representam importantes mecanismos de interação da criança com o meio social, e, através dessa possibilidade, deve-se dispor desse momento para promover a transformação do indivíduo como ser comprometido com a construção de melhores dias, (re)transmitindo valores dos antepassados para que assim possam ser construídos novos valores.

A literatura, dentre as variadas manifestações de arte, atua de maneira mais profunda e duradoura no sentido de dar forma e de divulgar valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. Para Coelho N. (1991), ela se concretiza em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora.

Desse modo, para alcançar os objetivos delimitados na pesquisa monográfica, discute-se a contação de histórias no espaço da educação infantil, apresentando a sua relevância no processo de desenvolvimento das crianças, tendo em vista as fases de desenvolvimento cognitivo e linguístico, bem como a importância da literatura infantil no processo de letramento das crianças.

## 2.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Dentre as várias perspectivas, seja como forma de passar os ensinamentos de geração a geração, ou mesmo como doutrinas, a contação de histórias, dentro do espaço educacional, possui (e ainda possui em muitas escolas) como alguns de seus propósitos: o entender, a distração, uma forma de manter as crianças relaxadas, sem estresses, focadas num ritmo de absoluta paz, onde as crianças não apresentem sinais de apreensão e de tensão. É válido frisar que essa ideia também esteve e ainda está presente nos lares, onde os pais contam histórias para os seus filhos, visando mantê-los longe das suas inquietudes.

Embora as crianças desenvolvam as suas capacidades de maneira heterogênea, a Educação Infantil tem por função criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de aprendizagens que elas apresentam nas diferentes faixas etárias. Através de uma atuação que propicia o desenvolvimento de capacidades, envolvendo aquelas de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil (RCNEI):

Ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprias, com os demais e o meio ambiente de maneira articulada e gradual, as Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem buscar a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores. Desta maneira, os conhecimentos sobre espaço, tempo, comunicação, expressão, a natureza e as pessoas devem estar articulados com os cuidados e a educação para a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, as linguagens, o trabalho, o lazer, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 1998, p. 45).

As creches fazem parte desse contexto educacional. É nesse espaço, conjuntamente com o familiar, que a criança pequena desenvolve as primeiras habilidades e capacidades necessárias ao seu desempenho de futuro(a) aluno(a). Além das creches, as escolas também devem disponibilizar a Educação Infantil em espaços que sejam acolhedores que proporcionem às crianças a ludicidade, uma aprendizagem por meio dos contos, da leitura, e neste contexto, a criança seja levada a desenvolver suas potencialidades, habilidades, gostos.

A escola de Educação Infantil tem uma influência significativa no desenvolvimento da criança, pois lhes possibilita a socialização e a troca de vivências com outros sujeitos crianças e adultos, permitindo-lhes que vivencie novas experiências que gerem conhecimentos. Assim, o objetivo da Educação Infantil é proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando o seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

Nesse processo de desenvolvimento da criança, pode-se destacar a linguagem, especialmente a linguagem falada, como fundamental na organização de atividades práticas e nas funções psicológicas do ser humano; pois, conforme teoriza Vygotsky (apud REGO, 2005, p. 62), “a criança ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais”. Assim, o desenvolvimento do ser humano se realiza a partir da linguagem, da atividade prática e capacidade de abstração.

Nesse sentido, nos contextos familiar e educacional, a contação de histórias representa um caminho de formação e de desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Cumpre um papel de grande relevância na formação de leitores, cuja iniciação do processo centra-se na primazia do ouvir, escutar e recontar as histórias (MEIRELES, 1984). Dessa maneira, a instituição de Educação Infantil consiste um espaço privilegiado para a contação de histórias, cuja mediação promove, além dos momentos relacionais com os outros sujeitos e os domínios específicos e artísticos da leitura literária, a significação e a ressignificação dos valores culturais da comunidade em que a criança se insere.

### **2.2.1 A Criança e as suas Fases de Desenvolvimento**

Tendo por base o RCNEI (BRASIL, 1998), a criança consiste um sujeito social e histórico, faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, em uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo

meio social em que se desenvolve, mas também que a distingue enquanto sujeito histórico. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam o seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam, e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade de apresentar ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. Segundo elucidam os RCNEI (BRASIL, 1998): “O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”.

De acordo com o Documento, a criança de zero a seis anos tem características diferentes das demais faixas etárias que, ao serem negligenciadas, promovem grande risco tanto à sua integridade psicossocial e moral quanto física, o que pode comprometer o seu desenvolvimento posterior. Prevendo tal possibilidade, o RCNEI (BRASIL, 1998) indica que deva haver certo campo consensual em torno do valor educativo da instituição de Educação Infantil. Tal campo pressupõe a valorização e o reconhecimento das possibilidades da criança desde o seu nascimento, que a caracteriza como um ser biológico, psicossocial, moral e histórico-cultural, em que nenhum destes aspectos deve ser minimizado em função de outro. Em face desse pressuposto, propõe-se debater algumas ideias de Piaget e Vygotsky sobre a importância da linguagem no desenvolvimento do pensamento e construção do conhecimento da criança.

Segundo Piaget (1988), a linguagem possibilita à criança evocar um objeto ou acontecimento ausente na comunicação de conceitos. Piaget estabeleceu uma clara separação entre as informações que podem ser passadas por meio da linguagem e os processos que não parecem sofrer qualquer influência dela. Este é o caso das operações cognitivas que não podem ser trabalhadas por meio de treinamento específico feito com o auxílio da linguagem. Por exemplo, não se pode ensinar, apenas usando palavras, a classificar, a seriar, a pensar com responsabilidade (PIAGET, 1988).

Para Vygotsky (1984), pensamento e linguagem são processos interdependentes, desde o início da vida. A aquisição da linguagem pela criança modifica as suas funções

mentais superiores: ela dá uma forma definida ao pensamento, possibilita o aparecimento da imaginação, o uso da memória e o planejamento da ação. Nesse sentido, a linguagem sistematiza a experiência direta das crianças e adquire uma função central no desenvolvimento cognitivo, reorganizando os processos que nele estão em andamento (VIGOTSKY, 1984).

Os processos de desenvolvimento e aprendizagem, na perspectiva de Vygotsky (1984), são diferentes, mas estão relacionados. Para Vygotsky (1984), os indivíduos aprendem e se desenvolvem com as pessoas com quem se relacionam, para ensinar ou aprender é preciso estar junto, interagindo com o outro. Por isso, o ser humano adulto deve tentar atuar junto às crianças na zona proximal do desenvolvimento infantil, possibilitando mediações que favorecem o despertar de competências que ainda estão longe de uma efetiva aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva de entendimento, considera-se que a contação de histórias provoca nas crianças o desenvolvimento de operações mentais auxiliares na construção dos significados das palavras ouvidas, de forma que, aliadas ao contexto da história, passam a enriquecer o seu vocabulário e, conseqüentemente, auxiliam em seu desenvolvimento integral, incluindo as competências da leitura e da escrita.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DE OUVIR E ESCUTAR HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

Os benefícios de uma contação de histórias são apontados por Coelho B. (2009) como um importante instrumento auxiliar na formação das crianças, na compreensão e assimilação dos significados, assim como no desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico.

A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. Aqui, crianças bem pequenas, já demonstram interesses pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Nesse sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade.

Abramovich (2004, p. 16) traz algumas afirmações referentes às emoções que as histórias bem contadas são capazes de provocar nas crianças: “Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução...”. Assim, o livro da criança que ainda não lê é a “história contada”. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca... (desde que seja boa), conforme reflete Abramovich (2004).

Contar histórias, parafraseando Abramovich (2004), é uma arte... e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Como mencionado anteriormente, o primeiro contato da criança com o universo da leitura é pela oralidade através das primeiras cantigas cantadas e das primeiras histórias contadas para elas. Portanto, escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é aventurar-se numa viagem infinita, repleta de descobertas, aventuras, conflitos, compreensão de si, dos outros e do mundo.

A criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreenda melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história aconchegado a quem se ama é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros.

Algum tempo depois, as crianças passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como: contos de fadas ou contos maravilhosos, poemas, ficção, etc. Apresentam a possibilidade de envolver o real e o imaginário que, de acordo com Sandroni & Machado (1998, p. 15), “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”.

É importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, pois aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvir histórias estimula a ampliação de diversas competências e habilidades. Em um mundo tão cheio de tecnologias, onde as informações estão tão prontas, ao alcance da reprodução sem qualquer critério reflexivo e ético, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário poderá, no futuro, ser

um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa, desde os primeiros anos de vida da criança, contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que, segundo Vygotsky (1992, p. 128), caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”. Na imaginação, de acordo com Vygotsky, a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: “afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece”. (VIGOTSKY, 1992, p. 129).

Segundo Piaget (1988) existem 4 períodos a serem considerados no processo evolutivo da espécie humana que são caracterizados "por aquilo que o indivíduo consegue fazer melhor" no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento. Segundo o autor, cada uma dessas fases é caracterizada por formas diferentes de organização mental que possibilitam as diferentes maneiras do indivíduo relacionar-se com a realidade que o rodeia. De uma forma geral, todos os indivíduos vivenciam essas 4 fases na mesma sequência, porém o início e o término de cada uma delas pode sofrer variações em função das características da estrutura biológica de cada indivíduo e da riqueza (ou não) dos estímulos proporcionados pelo meio ambiente em que ele estiver inserido.

Para Piaget (1988), os primeiros sinais dessa fase representativa são evidenciados já no período sensório-motor, embora ainda não seja representação, propriamente dita, porque significados e significantes se encontram indiferenciados. Nesse sentido, esclarece Follador (2011), que quando a criança é capaz de brincar com uma vareta, imaginando ser ela um cavalo e que pode montá-la ou ainda vivenciar uma narrativa como se fosse uma princesa, ela demonstra ter construído a capacidade de utilizar símbolos, ou seja, ela manifesta ter construído a capacidade de evocar um objeto ou acontecimento que não está presente, através de outra coisa, utilizando um significando para referir algo diferente, e estes ainda guardam certa conexão entre si. No período pré-operatório (2 a 7 anos), conforme teoria de Piaget (1988), o que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, é a emergência da linguagem; tendo em vista que: “A linguagem é um exemplo de representação através de signos e é uma dentre

as manifestações da função semiótica” (FOLLADOR, 2011, p. 47). Desse modo, na medida em que se efetiva a emergência da linguagem, a criança inicia a construção da relação, causa, e efeito, bem como das simbolizações. É a chamada idade dos “porquês”, do “faz-de-conta”. Embora os demais estágios do desenvolvimento não sejam alvos desta monografia, considerando que o público alvo da Educação Infantil é constituído pelos períodos sensório-motor e pré-operatório, convém algumas explicações sobre os períodos posteriores, considerando que a qualidade das práticas vivenciadas na instituição de Educação Infantil contribui para ampliar o desenvolvimento infantil, portanto seus estágios posteriores.

No período de operações concretas, o egocentrismo intelectual e social (incapacidade de se colocar no ponto de vista de outros), que caracteriza a fase anterior, dá lugar à emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes (próprios e de outrem) e de integrá-los de modo lógico e coerente, a criança começa a construir conceitos, através de estruturas lógicas, consolidam a conservação de quantidade e constrói o conceito de número. Já no quarto período, o de operações formais, segundo Piaget (1983), é o ápice do desenvolvimento da inteligência e corresponde ao nível de pensamento hipotético-dedutivo ou lógico-matemático. É quando o indivíduo está apto para calcular uma probabilidade, libertando-se do concreto em proveito de interesses. Nessa fase, o adolescente constrói o pensamento abstrato, conceitual, conseguindo ter em conta hipóteses possíveis, os diferentes pontos de vista e sendo capaz de pensar cientificamente.

A criança, em suas fases de desenvolvimento, adquire aprendizagens de maneira a proliferar esses aprendizados mais adiante e esta condição faz parte do seu desenvolvimento. E uma das competências que criança vai construindo é a escuta. Ao ouvir ela vai aos poucos aprimorando a sua capacidade de escutar. Sendo assim, quando a criança passa a desenvolver essa capacidade de escutar também está desenvolvendo habilidades as quais irão estimular sua imaginação e, conseqüentemente, dinamizará o seu processo de leitura e de escrita. Nesse contexto, a criança quando absorve a escuta de uma história, estará produzindo mecanismos que potencializarão a atividade interativa e a sua linguagem infantil.

Ao escutar a histórias, a criança estará construindo o processo de alfabetização e de letramento, assim como estará favorecendo a narrativa. Estas são habilidades que contribuem de forma significativa para que a criança se desenvolva nos aspectos metacognitivos, metalinguísticos, dentre outros, subsidiando competências no que concerne a pensar, achar e imaginar, além de habilidades inerentes ao reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico.

Na concepção de Abramovich (2004), o significado de escutar histórias vai além de sentar em volta de uma fogueira, tange momentos de interação entre locutor e interlocutor, momento de lazer e de conhecimentos. Através dos contos se descobre uma visão diferenciada de compreender as coisas do universo, as relações homem/natureza e homem/homem. É descobrir e redescobrir os místicos, os conflitos, preparar para romper com barreiras, com as dificuldades que se apresentam no contexto social, cultural das civilizações, tanto de ontem como as de hoje. A contação de histórias faz vivenciar os personagens, criar um universo imaginário para a criança para que a partir de então, ela possa se descobrir. Através dos contos, as crianças vivenciam a história.

É ouvindo histórias que se pode, conforme acena Lajolo (2008), sentir, também, emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar. A leitura através da oralidade proporciona uma ação reflexiva do leitor e, quando se trata de uma criança, essa reflexão não é menos importante do que seria para uma pessoa adulta. Ela tem uma importância significativa na formação cognitiva das crianças, partindo primeiramente do professor para, em seguida, despertar as potencialidades reflexivas dos alunos. Para Zilberman (2003, p. 25): "[...] é a partir daí que se pode falar do leitor crítico".

Assim, a criticidade estará presente nas práticas com a literatura, sem que se perca o encanto e o brilho dos contos de fadas e de fábulas. Nessa direção de entendimento, Abramovich (2004) ressalta que:

[...] ouvir e ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar... É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de idéia... É ter vontade de reler ou deixar de lado de uma vez.

Tomando por referência o pensamento expresso por Jean Piaget (1988), quando a criança entra em contato com experiências novas, ouvindo ou vendo coisas que para ela são novidades, acaba agregando esses conteúdos às estruturas cognitivas que possuía anteriormente, construindo significados e assim aumentando o seu conhecimento, somando o novo ao que já vivenciou. Ao se considerar o condicionamento mental infantil, o ideal é que a criança repita a história que acabou de ouvir, que tenha a oportunidade de oferecer outro final,

que altere, modifique a história que foi contada, pois quando a criança narra um conto estabelece uma relação entre fantasia e realidade.

Não há e não é viável definir leitores, ouvintes de histórias, pois a maneira como a contação de história é narrada faz com que os ouvintes se envolvam, sintam prazer, viagem num universo mágico e inimaginável. Esses fatores contribuem para que se desperte o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um “bom caso”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é ainda mais intensa, conforme elucida Zilberman (2003).

Nesse sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias, desde a mais tenra idade. A contação de histórias pode tornar-se uma estratégia pedagógica que pode favorecer, de maneira significativa, a prática docente na educação infantil. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a auto-expressão. Assim, a criança sente-se estimulada e, sem perceber, desenvolve e (re)constrói o seu conhecimento sobre o mundo.

Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagens se processam. Desse modo, o trabalho com a contação de histórias é importante para que a criança se torne uma futura leitora, e o primeiro passo é ouvir histórias. Neste aspecto, é possível ressaltar que o primeiro contato da criança com as histórias é pela oralidade e, portanto, através de outras pessoas. A partir da contação de uma história, a criança por não estar vendo imagens, é capaz de se aventurar no mundo do “faz-de-conta”, que é um território simbólico importante para a infância. Por isso, por meio da contação, busca-se brincar com esse mundo imaginário, partindo de personagens que conseguem resolver os seus problemas para que a criança possa se identificar com elas.

Nesse sentido, contar histórias é importante, também, porque auxilia na formação e constituição da criança que, ao ouvi-las, inicia a sua aprendizagem enquanto leitora e em sua compreensão de mundo. Tendo por base esses pressupostos e essas orientações, a contação de histórias auxilia na formação de leitores, no desenvolvimento do gosto pela leitura, no desenvolvimento psicológico e moral do indivíduo, no enriquecimento do vocabulário, na ampliação do mundo das ideias, no estímulo ao desenvolvimento da imaginação, observação, atenção, reflexão, na resolução de problemas e conflitos pessoais entre outros. Ou seja, ouvir histórias, especialmente bem selecionadas, traz muitos benefícios à vida cotidiana dos indivíduos.

A contação de histórias age na formação da criança em várias áreas. Contribui no desenvolvimento intelectual, pois desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação por meio da construção de imagens interiores e dos universos da realidade e da ficção, dos cenários, personagens e ações que são narradas em cada história. A criança recebe influência até em seu desenvolvimento físico-motor, devido à manipulação do corpo e da voz de que faz uso ao ouvir e recontar as histórias.

A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintura. É fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 143):

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Em uma sociedade como a contemporânea, contar e ouvir histórias são uma possibilidade de aprendizagem, de construção do conhecimento e do desenvolvimento ético e significativo das crianças enquanto seres humanos. Na interação com as histórias, a criança desperta emoções como se a vivenciasse. Estes sentimentos permitem que, pela imaginação, a criança exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente. A repetição da história contada é uma atividade considerada favorável, tendo em vista que a criança sempre observa algo novo após a contação. Quem está em contato com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, como uma forma de memorização, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso nos mostra que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita.

O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias como elas se apresentam escritas, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. As histórias ficam

gravadas na mente das crianças e os seus ensinamentos passam a fazer parte de suas vidas, pois, quando se deparam com situações parecidas, lembram-se da experiência que inconscientemente viveram na história.

### 3 SUGESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**A** pós discussões referenciais sobre a origem da contação de histórias e sua relação com o processo de desenvolvimento integral da criança, abordar-se, neste capítulo, a contação de histórias no espaço da Educação Infantil, levando em consideração a importância do planejamento e execução dessa prática na rotina escolar para o desenvolvimento do indivíduo em formação. Desta forma, o capítulo comporta discussões sobre que histórias se podem contar para as crianças, propondo sugestões teórico-metodológicas que poderão ser usados para ajudar o(a) professor(a) durante as práticas de contações, a fim de aguçar a imaginação e as demais competências em processo do ouvinte, dentre elas o letramento.

Para oferecer as sugestões teórico-metodológicas, cujo capítulo tenciona ofertar aos educadores da Educação Infantil, fez-se necessário, no entanto, realizar uma atividade de campo para compreender o acervo de histórias existentes nas escolas e, simultaneamente, as condições de uso. Nesse sentido, através de visitas feitas à Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Victor Jurema (E.E.E.F.V.J.), observou-se que as obras literárias, que lá se encontram, são bastante interessantes para se trabalhar com as crianças. A referida Escola está situada em um bairro periférico da cidade de Cajazeiras, “Capoeiras”, funcionando os dois turnos ao dia. O espaço visitado, isto é, o condizente à biblioteca, foi adaptado para que os professores e alunos pudessem utilizar leituras, chamado de “cantinho de leitura”. Este espaço é completo de recursos que podem ser utilizados para se realizar o trabalho de contação de histórias, livros revistas, quadrinhos, caixas surpresas, fantoches, contendo também recursos tecnológicos como DVD, som, televisão, computadores, todos esses objetos, de alguma forma, contribuem também para o trabalho de contação de histórias.

Sabe-se que, bem muito antes de ingressar na escola, algumas crianças dispõem o contato com o ouvir histórias, com adultos e familiares ou pelos meios de comunicação, como a televisão e a informática. Estes estímulos são significativos, pois muitas crianças conseguem nomear e esboçar situações ligadas a sua vivência cotidiana. Se a importância fundamental da literatura é permitir a evolução e a formação da personalidade do ser em formação, enriquecendo as experiências sociais e culturais, que são fundamentais para o seu desenvolvimento, cabe ao professor repensar as suas práticas docentes, incluindo a contação de histórias oriundas do acervo da literatura infantil como prática educativa em sala de aula.

A contação de histórias deve ser trabalhada com prazer, magia, aventura e fantasia, como evoca Abramovich (2004, p. 16): “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias”. Através do ouvir histórias, a criança aprimora a sua capacidade de imaginar, criar, e recriar. E, atualmente, podem-se observar diversos livros de literatura que ajudam na prática educativa do(a) professor(a). De acordo com o Ministério da Educação, inúmeras são as estratégias das quais o(a) educador(a) pode lançar mão para enriquecer as atividades de leitura (BRASIL, 1998, p. 141).

A capacidade de imaginar da criança, segundo aporte teórico consultado, expande-se mais intensa do que a dos adultos. Se os adultos adoram ouvir histórias, imaginem as crianças com tanta imaginação! As narrativas fazem parte de sua vida desde a maternidade, quando as mães falam com a criança que ainda se encontra em sua barriga. As canções de ninar, as historinhas curtas, e cantigas de rodas. Enquanto pequenas, as crianças demonstram interesses pelas histórias, sorrindo, e fazendo gestos. É através das histórias que a criança pode descobrir outros lugares, outros modos de agir e de ser, outras realidades, uma nova compreensão de mundo. A Literatura Infantil tem uma importância fundamental para a criança como fonte lúdica e de prazer, além de fazer parte na contribuição do seu desenvolvimento. Assim, deve-se organizar a elaboração do roteiro adequado para se contar histórias.

Segundo Tahan (1957), as histórias não se concentram em um único objetivo. Elas apresentam várias funções que podem despertar e influenciar o ouvinte, estimulando diversas áreas. Nesse sentido, a autora considera a importância das histórias mediante cinco aspectos, quais sejam:

- 1º) recreativo: é um suave divertimento para as crianças;
- 2º) educativo: a história pode educar, pois a memória guarda aquilo que se ouve, escuta;
- 3º) instrutivo: pode-se colher muitos ensinamentos e informações;
- 4º) religioso: ensino religioso e educação religiosa dos povos;
- 5º) físico: as histórias oferecem ações benéficas para pessoas enfermas.

As histórias promovem relações sociais, então é bom escutá-las dos alunos também, com o interesse de ampliar a imaginação da criança e sua criatividade. Portanto, se torna fácil perceber a importância da contação de histórias no cotidiano escolar, no qual deve ser realizada de forma dosada, e de acordo com o interesse e a faixa etária da criança. Coelho B. (2009) diz que:

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo da saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial (COELHO B., 2009, p. 14).

No entanto, ao escolher uma história para contar aos alunos, o(a) professor(a) deve levar em consideração quem vai ouvir. A preparação da história começa na escolha criteriosa, tomando todo cuidado. Uma história não é apenas algo que se pega escrito em um livro e conta-se sem ter interesse algum, mas é para operar transformações na própria vida, o modo como ocorrem as reações, como se pensam e se encaram alguns fatos. Cabe, portanto, aos(as) educadores(as) refletirem o que contar para os seus alunos, e, especialmente, o que as crianças querem ouvir.

Dessa maneira, por considerar a relevância do(a) educador(a) refletir *o quê, para quê e como* contar histórias no espaço escolar, a pesquisa optou por selecionar histórias clássicas que integram o acervo da Literatura Infantil, até em razão da Escola visitada conter, em seu acervo literário, as histórias que serão logo mais apresentadas. Por essa razão, anteriormente a esse procedimento de escrita, convêm algumas considerações sobre a presença da Literatura Infantil na contação de histórias, considerando o letramento em desenvolvimento da criança.

### 3.1 AS HISTÓRIAS DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE LETRAMENTO DA CRIANÇA

A literatura infantil representa para a criança uma arte, um veículo de conversação e interação. A contação de histórias como parte do processo da literatura infantil traz em seu contexto aspectos lúdicos e está em sintonia com o valor que esses contos representam para a infância, uma vez que o pequeno leitor é convidado ao prazer de fantasiar, de vivenciar os contrastes e as semelhanças existentes entre os sonhos e a realidade.

A criança que, desde muito cedo, entra em contato com a obra literária escrita, terá uma compreensão maior de si e do outro, e a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca. Enquanto diverte a criança, o conto a esclarece sobre o seu próprio ser, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade.

Zilberman (2003, p. 170) reflete que “o contato com a literatura infantil se faz inicialmente por seu ângulo sonoro, a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos na ilustração para posteriormente reproduzi-las”. Entende-se, então, que a literatura é mais que um ato de entretenimento, é uma arte que transmite o conhecimento de maneira prazerosa.

Ao trabalhar com a literatura infantil, o(a) professor(a) estabelece uma relação dialógica com o(a) aluno(a), o livro, a sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, o(a) educador(a) cria condições para que a criança trabalhe com a história a partir do seu próprio ponto de vista, trocando opiniões sobre a história, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Na concepção de Coelho N. (2000, p. 101):

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando.

A citação de Coelho N. (2000) evidencia a importância do ouvir para a criança como um mecanismo de percepção e enxergar as coisas que as cercam. Dessa forma, a contação de histórias representa uma leitura de mundo, onde essa contação está inserida no contexto literário e, esse por sua vez, deve estar presente na vida das crianças como leitoras iniciantes, não apenas de maneira escrita nos livros, mas também de forma oral através da contação de histórias.

Após defender a necessidade da literatura para o auxílio na aprendizagem da criança na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, Coelho N. (2000) traz também esclarecimentos sobre a influência da literatura infantil na aprendizagem da criança e seus estágios psicológicos. Afirma a autora que existem fatores para que tornam efetiva a relação da criança com a literatura. Entre estes fatores é necessária a adequação dos textos para cada etapa do desenvolvimento infantil.

Na concepção da autora, devem ser respeitadas as fases de desenvolvimento infantil, instruindo os educadores de como trabalhar com a literatura em cada uma delas. Segundo Coelho N. (2000), a fase do “pré-leitor” abrange duas subfases: a primeira denominada

“primeira infância”, que corresponde a quando a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, pelos contatos afetivos e pelo tato, quando a criança começa a conquistar a própria linguagem e passa a nomear as realidades à sua volta. Nesta etapa, a literatura deve estimular através de gravuras ou objetos familiares, também os brinquedos. É nesse momento que o mundo natural e o cultural começam a se relacionar para a criança. Na segunda fase do pré-leitor, conhecida por “segunda infância”, inicia-se a relevância pelos valores vitais e cresce a adaptação ao meio físico favorecida pela comunicação social. A influência da literatura, nesta fase, aprofunda a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através das atividades lúdicas, da graça, do humor e de um clima de mistério.

Após superar a fase de pré-leitor, a criança passa a ser um leitor iniciante. Neste momento, se dá a aprendizagem da leitura, a criança já conhece os signos do alfabeto. Os livros adequados a essa fase devem ser aqueles em que há o predomínio da imagem, a narrativa deve desenvolver o acontecimento e ter princípio, meio e fim. Os personagens podem ser humanos ou animais, plantas e objetos. No entanto, deverá conter argumentos que estimulam a imaginação, a inteligência e as emoções. Logo essa criança se tornará um leitor em processo, cuja fase já domina a leitura, e a partir daí se torna um leitor fluente com a leitura já consolidada pela compreensão, e, por fim, surge o leitor crítico, com domínio total da leitura e capacidade de reflexão em maior profundidade.

Nesse processo de formação do leitor, a importância de contar histórias na escola foi ressaltada quando se percebeu que era uma forma de transmitir a emoção da literatura. Ainda que o(a) aluno(a) viesse a sentir emoção ao fazer a leitura, quando a história é contada ele/ela pode atentar aos detalhes que passariam despercebidos na própria leitura e, desenvolveria, ao mesmo tempo, naqueles que ainda não sabem ler, o mesmo sentimento de emoção, além de transmitir o que ainda não podem obter sozinhos, despertando a vontade de se apropriar da leitura. Nas palavras de Abramovich (2004, p. 16): “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”.

Entende-se que no momento em que a criança ouve uma história, entra em contato com uma realidade diferente da sua e dispõe de acesso ao novo. Contar histórias leva os alunos a um mundo que só é imaginado ou desconhecido, de forma que a experiência pode ser absorvida agradavelmente, revelando-se uma estratégia para instruir e entreter. Por esse motivo, acredita-se que a contribuição do contar e ouvir história na aprendizagem do(a) aluno(a) é imensa, tanto em valores quanto em conteúdos escolares, já que nesta fase escolar se aprende com o que é de agrado, e contar histórias é brincar com versos, com rimas ou

simplesmente com palavras. Através da oralidade é possível deslumbrar-se com a riqueza da comunicação, que consiste uma bela arte e atrai os alunos para o aprendizado.

Quando se compartilha a história com as crianças, o texto partilhado proporciona muitos sentimentos diferentes como, por exemplo, o de alegria, tristeza, raiva, medo etc. Além de possibilitar que as crianças desenvolvam o aprendizado, quando fazem diversas interpretações, emitem suas opiniões sobre o que foi lido e essas situações contribuem para a sua autonomia de pensar. Nesse sentido, é importante trazer a literatura infantil como um veículo que irá proporcionar as crianças um melhor desenvolvimento cognitivo. Como diz Abramovich (2004, p. 23): “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer ‘dum’ texto”.

Para que se possa, no entanto, estimular, na criança, as competências mencionadas por Abramovich (2003), faz-se necessário que o(a) professor(a), além de compreender os estágios psicológicos e domínios de linguagem cuja criança se apresenta em desenvolvimento, reflita sobre quais histórias contar e como delas fazer uso adequado em sala de aula.

### 3.2 O QUE CONTAR PARA AS CRIANÇAS

Ao selecionar uma história, o(a) educador(a), inicialmente, deve acreditar nela. A partir de uma história, é possível que se desenvolvam outras atividades como artes, imaginação, teatro, e desenhos. O(a) professor(a) que trabalha com a contação de histórias, em sua sala de aula, oferece um universo de diversos conhecimentos.

Um bom contador trabalha aguçando a imaginação da criança. Para Coelho B. (2009), a arte de contar histórias possui técnicas que dependem às vezes de tendências inatas, mas essas podem ser desenvolvidas, na medida em que se conheça a importância das histórias para quem a escuta. É preciso que os contadores tenham um conhecimento, e que este chegue a todo o tipo de público: crianças, adultos e até mesmo idosos. Nesse sentido, Coelho B. (2009, p. 11) afirma:

A força da história é tamanha que o narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíprocas de sensibilidades, a ponto de diluir-se ambiente real entre a magia da palavra que comove e eleva. A ação se desenvolveu e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico que é estimulado pelos enredos.

Sendo assim, a narração toma maneiras de intercalar a palavra com o gesto, que facilita a comunicação de quem conta, e quem escuta a história. É importante que ocorra a preparação do antes da narração. Já a conversa do depois, deve ter um sentido de analisar e avaliar o que foi entendido da história que foi oferecida. Abramovich (2004) igualmente defende a importância de saber narrar:

Por isso ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona, ou nos irrita [...] Assim, quando chegar ao momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega ao ouvinte [...] (ABRAMOVICH, 2004, p. 20).

É importante saber antes que tipos de histórias o(a) professor(a) contará para os seus alunos(as). O narrador se origina do que aprendeu em seu meio cultural, que vem sendo passado de geração a geração pela oralidade. Já os narradores atuais necessitam de estudos que busquem a espontaneidade.

Benjamin (1994, p. 63) elucida que “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação que mergulha a coisa na vida do narrador para depois em seguida retira dele”. Sendo a narrativa a “arte de contar”, como forma de comunicação social, que se busca de dentro do narrador, é necessário que o contador ou professor(a) saiba escolher o que irá contar. Sendo uma boa proposta, contar histórias ocorridas em tempos remotos que estão mergulhadas na vida do narrador, histórias essas que são passadas de pessoas a pessoas.

Os primeiros narradores verdadeiros, e que de certo modo ainda continuam sendo, são os contadores de “contos de fadas”. Para Benjamin (1983), esses contos sabiam dar bons conselhos, quando as situações da vida se apresentavam difíceis, os contos de fada poderiam oferecer ajuda em casos de emergências. Assim, os personagens considerados tolos dos contos de fadas mostram como a humanidade se fez de tola para ter a proteção do mito. Benjamin (1994) fala do personagem do irmão caçula que se afasta da pré-história mítica, e se retrata no personagem rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo, mostrando que os medos humanos podem ser destruídos.

Acerca das repercussões que os heróis das histórias podem provocar no ser dos leitores, Meireles (1984) acena que:

[...] de século em século e de terra em terra, as crianças têm descoberto, têm preferido, têm incorporado ao seu mundo, familiarizadas com seus heróis, suas aventuras, até seus hábitos, e sua linguagem, sua maneira de sonhar e suas glórias e derrota (MEIRELES, 1984, p. 28).

Assim, as recordações da infância sempre acompanham os sujeitos humanos, quando pequenos escutam histórias contadas pelos avôs, leem os livros que gostam ou se familiarizam com os heróis, viajando em outros mundos, despertando emoções e fantasias.

Ao ouvir histórias, as crianças da Educação Infantil podem experimentar emoções intensas, importantes ao seu desenvolvimento individual e social: bem estar, medos, alegrias com finais felizes de contos de fadas, simpatia pelos heróis e raiva dos vilões, etc... Uma somatória de emoções as narrativas provoca em quem as escuta. Desse modo, defende-se que, antes de trabalhar o texto com os alunos, o(a) professor(a) precisa ler e gostar da história, planejar como motivará os(as) alunos(as) a ouvi-la e contá-la com entusiasmo para então despertar neles o gosto e interesse pela leitura.

Para Oliveira (2009), o mais importante ao contar uma história é o envolvimento da criança, e que a criança quando se identifica com alguma parte da narrativa, ela deve ter espaço para falar de sua experiência relacionada à história, pois, quando há identificação, a criança ouve com mais interesse e atenção.

O(a) educador(a), ao contar histórias, pode também variar na escolha de recursos e, mesmo que não seja um excelente contador de histórias, a adoção de recursos poderá facilitar e transformá-lo em um artista de dotes especiais e um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo os textos às crianças. Acredita-se que o(a) professor(a), ao contar histórias, além de planejar, ler, gostar da história e fazer opção pela melhor história para a faixa etária de seus ouvintes, possa usar diferentes recursos para contar com mais entusiasmo e despertar em seus alunos(as) o gosto pela leitura. Deste modo, propõe-se oferecer algumas reflexões em torno dos recursos como fator enriquecedor do ato de contar histórias.

### 3.2.1 Os Recursos que Enriquecem as Práticas de Contação de Histórias

Segundo Souza e Bernadino (2011), devem ser considerados aspectos na contação de histórias como expressões, gestos e espaço físico. Em suas palavras: “[...] o ambiente deve ser aconchegante, harmonioso, sem distrações externas, com crianças agrupadas a preparos, ação de um baú ou uma prateleira com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens que possam ser fixados” (SOUZA; BERNADINO, 2011, p. 244). Vale ressaltar, ainda, que todas essas atividades necessitam sempre um cuidado especial de estudos e pesquisas aprofundadas, já que se devem observar alguns aspectos antes da prática de contação de histórias, tais como: o local; a luminosidade; a tonalidade da voz; o ritmo da história; a fase da formação do leitor em que o ouvinte se encontra; a faixa etária dos

participantes desse momento de contação de histórias; a mensagem que se quer passar ao contar determinado enredo; o melhor local para acontecer essa atividade; demonstrar entusiasmo pela história contada; o olhar e expressões de suspense, de alegria, de medo, etc.; ter segurança na história que vai contar, dentre outras peculiaridades importantes.

Para Oliveira (2009), há muitas maneiras de contar histórias. Existe uma série de recursos que pode ajudar o(a) professor(a) no desenvolvimento dessa prática. A autora também apresenta algumas orientações que ela não considera como regras fixas, mas que podem facilitar o trabalho docente. São técnicas que procuram corresponder as possibilidades da escola ou do(a) professor(a). Ainda com Oliveira (2009), a técnica mais eficiente é o amor, a criatividade, princípios que se unem à preocupação com os objetivos do trabalho: “Se o professor for um apaixonado pela literatura infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também” (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Abramovich (2004), os(as) educadores(as) devem demonstrar os cuidados e os preparos adequados à contação de histórias. Alguns desses cuidados referem-se à escolha do que se vai contar, levando em consideração o público e o objetivo proposto. Além dos cuidados de seleção e os objetivos pedagógicos, a autora destaca os seguintes cuidados: conhecer detalhadamente a história que contará; preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; mostrar à criança o que ouviu e o que está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; e, por último, saber usar as possibilidades da voz, variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

### 3.3 HISTÓRIAS ESCOLHIDAS E SUGESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE CONTAÇÃO

De acordo com Follador (2011), em sua dissertação sobre a contação de histórias para as crianças da Educação Infantil, no desenvolvimento infantil se apresentam diferenciados níveis de construções simbólicas, o que significa considerar que nem todas as crianças vão identificar as mesmas projeções e leituras, já que elas dependem em parte do seu desenvolvimento, como também das leituras prévias que fazem parte de suas histórias de vida.

Nesse sentido, além das discussões teóricas anteriormente realizadas, este terceiro capítulo propõe apresentar sugestões teórico-metodológicas para a contação de histórias na

Educação Infantil, a partir de histórias que integram o repertório da Literatura Infantil, que poderão contribuir para o enriquecimento da prática de contação na Escola Estadual de Ensino Fundamental Victor Jurema, bem como em outras instituições infantis. Assim, as sugestões, logo mais dispostas, têm o intuito de contribuir a um melhor trabalho dos(as) professores(as).

Para tal feito, propõem-se refletir as temáticas de algumas histórias da Literatura Infantil, sendo estas analisadas em observância as fases de desenvolvimento da criança e de suas competências pré-leitoras, em que se consideram as orientações de atividades sugeridas no livro *Lendo e Formando Leitores*, de Walda de Andrade Antunes (2008) e as teorizações propostas pelos demais autores que constituem o corpo teórico desta monografia.

### 3.3.1 As Histórias da Coleção "Gato & Rato"

A coleção *Gato e Rato* foi publicada, em 1988, pelos autores Eliardo França e Mary França. Os livros dessa coleção foram selecionados para as salas de leitura do MEC (Ministério da Educação e Cultura). Boa parte dos livros que constitui a coleção foi traduzida e publicada em outros idiomas, sendo os livros premiados mais de uma vez. As histórias se desenvolvem a partir de pequenos textos que incluem o uso de rimas e de outros recursos lúdicos, sendo a apresentação de imagens o aspecto mais evidente na composição criadora.

Essa coleção de histórias estimula a criatividade, a imaginação e o gosto das crianças em ouvir leituras nas fases de pré-alfabetização. As ilustrações apresentam-se alegres e criativas, combinadas às histórias compostas por textos curtos e originais. Nesta monografia, apresentam-se duas histórias que integram a coleção, *Mariana e Tuca*, *Vovó e Guto*, em que se sugerem, igualmente, a reflexão de procedimentos teórico-metodológicos apropriados às crianças em fases de pré-letramento.

#### 3.3.1.1 "Mariana"

Mariana, a personagem protagonista que oferece título à história, é uma menina muito amada e cheia de gracinhas, brincadeiras e aventuras. Para contar essa história, o(a) educador(a) pode pedir que os(as) alunos(as) levem brinquedos para sala de aula, e convidá-los a fazerem um círculo. No meio desse círculo, pode-se adaptar um tapete em que os brinquedos serão colocados, no qual se deve estimular as crianças a brincarem com os brinquedos, incentivando o jogo de faz-de-conta.

O(a) educador(a) pode preparar as crianças para a contação dessa história cantando a “música de Mariana”, canção folclórica, a qual fala em números. Segundo Coelho B. (2009), a música também complementa as narrativas, o(a) professor(a) pode inventar, ou adaptar a música a história a ser contada. Na medida em que o(a) professor(a) desenvolver a brincadeira, as crianças envolvidas na prática podem demonstrar comportamentos que oferecem subsídios para que sejam refletidos aspectos de suas vivências; considerando que a brincadeira: “É um momento muito importante, pois as crianças, através dos brinquedos e brincadeiras, se dão a conhecer, revelando questões familiares que, no dia-a-dia, muitas vezes ficam guardadas só pra elas” (ANTUNES, 2008, p. 52).

Através da música, pode-se pedir que as crianças repassem o objeto para o coleguinha ao lado, sempre repetindo os numerais. A partir da sequência dos números expostos na canção, o(a) educador(a) proporciona às crianças a identificação dos numerais, dependendo do nível que foi alcançado. Ex: *Mariana conta 1, mariana conta 2, mariana conta 3...* e, assim, sucessivamente.

Sugere-se que essa história seja adaptada para se contar no período “sensório motor”, pois, segundo Follador (2011, p. 43), “é no período sensório-motor que a criança constrói o conhecimento pela ação, pois age sobre o mundo físico social, formando esquemas”. Os esquemas, na perspectiva piagetiana, são situações que buscam adaptar o indivíduo ao conhecimento. De acordo com Follador (2011) quando as crianças imaginam ser personagens, a exemplo de um cabo de vassoura que, na brincadeira, torna-se cavalo, demonstram ter a capacidade de evocar um objeto ou acontecimento que não está ocorrendo no momento. Utiliza assim um significante para se referir a coisas diferentes, que é o significado, no qual ainda guardam certa conexão: “Somente mais tarde, já no nível operatório, por volta dos 7 a 8 anos, é que a criança será capaz de operar por meio de signos, que são significantes inteiramente diferenciados de seus significados” (FOLLADOR, 2011, p. 54).

### 3.3.1.2 “Tuca, Vovó e Guto”

Outra história escolhida da coleção *Gato e Rato* condiz à *Tuca, Vovó e Guto*, cujo enredo relaciona-se às vivências de uma avó que, ao visitar os netos, sempre lhes levava presentes. É uma história curta, porém cheia de imagens coloridas que chamam bastante atenção ao serem visualizadas pelas crianças.

Enquanto atividade de preparação, sugere-se o uso de imagens de papel recortados, onde as crianças poderão construir os personagens principais da história, e algumas figuras,

como as paisagens, podem ser expostas em um quadro negro ou até mesmo em cartolinas. Na medida em que se conta a história, as próprias crianças montam o cenário, através das figuras elaboradas pelo(a) educador(a). Essa sugestão corresponde ao fato de se reconhecer a importância das ilustrações no desenvolvimento simbólico infantil; pois, conforme ressalta Coelho B. (2009), as gravuras favorecem as crianças pequenas, permitindo-lhes que observem detalhes que contribuem para a organização do seu pensamento, facilitando, após algum tempo, a identificação da ideia central dos fatos principais narrados.

A criança no período pré-operatório (2 a 7 anos) encontra-se na fase leitora denominada “segunda infância”, que, segundo Coelho B. (2009), ao ouvir a contação de histórias se aprofunda na descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem. Nessa perspectiva, considera-se importante a adoção de alguns cuidados docentes para potencializar as descobertas linguísticas das crianças; conforme sugere Antunes (2008, p. 212): “Ler o texto em voz alta, fazendo as entonações de demonstração de carinho, afeto [...]. Ler o texto decifrando algumas palavras desconhecidas ainda pelas crianças.”

Nessa perspectiva, a partir da leitura proposta, sugere-se que sejam escritas as palavras conhecidas e desconhecidas, para que as crianças possam reconhecer e associar significados. Este trabalho deve ser apresentado a crianças que se encontram no período pré-operatório, cujo estágio se caracteriza, segundo Piaget (1996), pelo aparecimento da função simbólica. No período pré-operatório ou intuitivo, a criança inicia a construção da relação causa-efeito, bem como das simbolizações, é a chamada fase dos porquês e do faz-de-conta. Nessa fase, a história sugerida poderá contribuir para despertar a curiosidade e o questionamento, fazendo surgir perguntas: *por que a avó sempre levava brinquedos para os netos? Quais eram os brinquedos?* E outros questionamentos que poderão se relacionar aos contextos sociais das crianças.

### 3.3.2 A História de Chapeuzinho Vermelho

Esta obra foi escrita pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, dois alemães que nasceram em Hanau, na Alemanha, em 1785 e 1786, respectivamente. Assim como os pais, os autores estudaram Direito, mas se dedicaram à Literatura. Em 1830, ingressaram como professores numa universidade na Alemanha. Eram estudiosos da língua alemã, filólogos, eruditos, historiadores e narradores excepcionais.

São conhecidos em todo o mundo pela quantidade de contos populares que criaram na Alemanha. Um dos motivos que levaram os irmãos escritores a criarem tantos contos

corresponde a necessidade de registrar as histórias conhecidas por diferentes povos que eram transmitidas oralmente. O registro desses contos em texto se tornava mais fácil para preservação. Recolheram 200 contos de fadas, 10 lendas, 600 cantigas folclóricas. Os primeiros contos foram publicados em 1812, a obra se chamava *Histórias das Crianças e do Lar*, composta por 51 contos. Esses contos se espalharam por todo mundo, e ganharam versões diferentes que fascinaram pessoas de diferentes línguas. Todos os contos dos irmãos Grimm pertencem à área das narrativas fantástico-maravilhosa, por pertencerem ao mundo do imaginário ou da fantasia.

A história de *Chapeuzinho Vermelho* retrata uma menina que usava uma capa vermelha, que saía para levar bolo para a sua vovozinha, sendo surpreendida, no meio do caminho, por um lobo malvado. É um dos clássicos dos contos de fadas mais conhecido entre adultos e crianças. Esses contos, segundo o RCNEI (BRASIL, 2005), são narrados sob diferentes formas, com variados recursos, e correspondem às necessidades básicas do ser humano. Na hora de contar a história de *Chapeuzinho vermelho*, o(a) professor(a) pode adaptar em sua sala de aula um belo jardim, com flores, uma casinha fictícia, e até pode fazer o caminho da casa da avó, e o caminho errado em que o lobo engana a Chapeuzinho vermelho. Ou pode ser apresentada até mesmo no jardim da escola.

Conforme Antunes (2008), a criatividade na hora da contação é fundamental, especialmente para imaginar um novo final para a história. Nesse sentido, as crianças devem ser instigadas a imaginar e expressar um novo desfecho à narrativa. Assim, os temas abordados nessa história, “desobediência, mentira, coragem e superação”, podem contribuir para despertar o imaginário das crianças. O(a) professor(a) na realização da atividade pode destacar a palavra “desobediência”, convidando os(as) alunos(as) a recriarem a história, seguindo as mais variadas versões, a partir da indagação proposta: *E se Chapeuzinho tivesse obedecido a sua mãe, os problemas ocorridos teriam acontecido?*

Essa história contém um certo grau de complexidade, especialmente pelas temáticas desenvolvidas no enredo, que requer que os(as) educadores(as) a adaptem para contar às crianças que se encontram no estágio pré-operatório. Todavia, ela pode contribuir para desenvolver, por meio do estímulo às faculdades imaginativas, competências simbólicas que serão ampliadas em estágios posteriores do desenvolvimento infantil, como o estágio das “Operações Concretas” que se caracteriza, segundo Piaget (1996), pela incapacidade da criança de se colocar no ponto de vista dos outros. Outras histórias que se tornaram Clássicos da Literatura Infantil e que, igualmente, podem ser adaptadas às crianças do estágio pré-operatório correspondem a *João e Maria*, dos irmãos Grimm, e o *Patinho feio*, de Andersen.

### 3.3.3 João & Maria

João e Maria é uma das adaptações orais coletada pelos irmãos Grimm, sendo posteriormente adaptada por diversos autores. O enredo corresponde à história de dois irmãos que, por motivos de dificuldades materiais familiares, foram abandonados à própria sorte numa floresta.

Em uma floresta havia uma cabana que morava um lenhador e seus dois filhos, João e Maria, que viviam uma vida difícil, pois não disponham de comida para todos. Em face das dificuldades, a madrasta dos dois irmãos teve a ideia cruel de abandonar as crianças na floresta quando fossem cortar lenha, conseguindo assim convencer o pai das crianças a fazer a crueldade de abandoná-los. João, como era esperto, ouviu tudo por atrás da porta, realizando um plano de colocar pedrinhas para acertar o caminho de volta. No outro dia, João ouviu novamente o plano diabólico da madrasta, mas não conseguiu catar as pedrinhas, por isso espalhou migalhas de pão seco ao longo do mesmo caminho. Mas não deu certo, pois os pássaros comeram as migalhas, desfazendo a sua trilha.

As crianças ficaram perdidas no meio da floresta, andando durante toda a noite. Quando já estavam exaustos e com muita fome, acharam uma casinha toda feita de doces. Era a casa da velha bruxa que, de aparência, parecia ser boazinha. Porém, ela não era e acabou prendendo João em uma gaiola, fazendo com que ele comesse bastante para depois cozinhá-lo e se alimentar dele. Mas a bruxa não conseguiu. No dia de João ser cozinhado no caldeirão, Maria, a sua irmã, teve a ideia de dizer à bruxa que não sabia acender o fogo que aquecia o caldeirão. A bruxa se zangou e foi fazer o trabalho. Quando subiu na escada, Maria sacudiu a escada e a bruxa caiu dentro do caldeirão. Maria conseguiu salvar seu irmão e a sua família, pois conseguiram encontrar pedras preciosas que a bruxa guardava, e ao voltarem para casa, nunca mais sentiram fome, sendo felizes para sempre com o seu pai.

Essa história pode ser adaptada à faixa etária da criança integrante da Educação Infantil, a fim de trabalhar temáticas relativas à família, ao amor entre pais e irmãos, ao medo e à coragem, às dificuldades materiais, ao trabalho infantil, dentre outras temáticas.

Na preparação de contar a história, o(a) professor(a) poderá adaptar a sua sala de aula com uma casinha de teatrinho de fantoches, cheia de guloseimas, bombons e pirulitos, pois toda criança gosta desses tipos de doces. Antunes (2008) sugere que a história deve ser contada compassadamente, com a atenção do(a) educador(a) voltada aos detalhes da história. Assim, as crianças devem ser convidadas a sentar ao redor da casinha, próximas ao(a)

professor(a) que, ao contar, pode mostrar as ilustrações do livro, aguçando a imaginação das crianças. Após a narração, as crianças poderão ser solicitadas a fazerem um desenho de sua família. Depois do desenho pronto, o(a) educador(a) poderá pedir que as crianças descrevam cada um dos membros, demonstrando a importância dessas pessoas em suas vidas.

### 3.3.4 O Patinho Feio

A história do *Patinho feio* é um dos contos maravilhosos que foi publicado pela primeira vez em 1843, por Andersen, sendo reescrito por vários autores. Ele nasceu como os outros patinhos, chocado no ninho da mãe pata. Porém, por ser diferente dos seus irmãos, o patinho é perseguido, ofendido e maltratado por todos os patos e outras aves. Um dia, cansado de tanta humilhação, ele foge do ninho. Durante a sua jornada, ele para em vários lugares, sendo, no entanto, mal recebido por todos. Por fim, uma família de camponeses encontra o “patinho feio” e o ajuda. Ao passar do tempo, a família o devolve para o lago, onde ele abre as suas asas e se une a um majestoso bando de cisnes, sendo então reconhecido como o mais belo de todos. Os temas relacionados a esse maravilhoso conto são os valores individuais, vida em grupo, diversidade e respeito ao próximo.

As sugestões preparatórias para a contação desse conto orientam-se pela apresentação com a música *O Pato*, de Toquinho e Vinicius de Moraes. O(a) professor(a) pode entrar na sua sala de aula com uma máscara do patinho, chamando a atenção das crianças, e pedindo que elas cantem a música juntamente com o(a) educador(a). Após terminar a apresentação, o(a) professor(a) pode sugerir que os(as) alunos(as) façam um sorteio para que possam dramatizar a história do *Patinho feio*. Pois, de acordo com Oliveira (2009), é possível a adaptação de histórias para ser representada como forma de teatro, em que as crianças assumem o papel dos personagens e os representam.

Os materiais a serem utilizados para esse trabalho pode ser elaborado pelas próprias crianças com a mediação do(a) educador(a). Vale ressaltar que o mais importante nessa prática, segundo (OLIVEIRA, 2009, p. 25), é que “[...] as crianças assimilem a mensagem transmitida pela história e verbalizem seu conteúdo, usando a linguagem oral e gestual”.

Outra sugestão de atividade se relaciona a uma dinâmica de grupo, que tem como objetivo a reflexão da aceitação em grupo e a importância da afetividade na vida da criança. O(a) professor(a) poderá colar figuras em pedaços de papel para serem pregadas por trás da cabeça do(a) aluno(a) sem que ele(a) veja o que está sendo ilustrado, sendo seguidos pelos colegas que a identificarem. As ilustrações podem representar expressões como: *beije-me,*

*abraçe-me, pisque para mim, beije a minha mão, o meu rosto, e deixe-me.* Nesse sentido, apenas a criança que estiver com a ilustração correspondente à expressão *deixe-me* não será procurada pelos demais colegas, assumindo, na representação, a condição do “patinho feio”. Ao final da brincadeira, o(a) aluno(a) deverá contar como se sentiu sendo, temporariamente, discriminado pelos colegas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo monográfico, conforme se pôde ler, envolveu uma pesquisa bibliográfica e, simultaneamente, uma atividade de campo, a fim de compreender as contribuições da contação de histórias no desenvolvimento integral das crianças, e, conseqüentemente, oferecer sugestões teórico-metodológicas para a contação de histórias na Educação Infantil. Os objetivos elencados tornaram-se possíveis de serem buscados por meio do aporte conceitual adotado e das visitas feitas à Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Victor Jurema (E.E.E.F.V.J), que buscou conhecer o acervo de livros lá existentes.

Nessa perspectiva, as leituras realizadas buscaram reflexões para a realização dos objetivos traçados, entendendo-se sobre a origem da contação de histórias, seu surgimento, tendo em vista suas contribuições para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, com base nos autores, compreendeu-se que a contação de histórias, através da literatura infantil, é a mais fascinante de todas as formas de compreender situações vivenciadas ou não, que cultivavam, e transmitiam conhecimentos, crenças, costumes, e valores, que eram respectivamente passados de geração a geração.

Autores como Coelho B. (2009), Coelho N. (1991; 2000), Matos G. (2005) e Meireles (1984), entre outros examinados nesta monografia, defendem que a contação de histórias, através da oralidade, busca reproduzir vivências históricas, contadas através da cultura, e experiências de vida de quem conta uma relação direta, compartilhando prazeres em quem as escutam.

Considerando-se que a contação de histórias é uma arte literária que existe desde os primórdios da humanidade, e é tida como uma das primeiras manifestações culturais do homem, e que essa prática foi passada de geração a geração, acredita-se que é necessário que essa prática de contação possa ocorrer desde a mais tenra idade, e deve ser incentivada em casa e no ambiente escolar, para que se possa proporcionar o desenvolvimento integral, social, e intelectual das crianças. Pois, cultivar o prazer de ler requer um esforço tanto dos professores quanto da família.

Acredita-se que a Literatura Infantil, tem um papel primordial no desenvolvimento da criança, possibilitando-a a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida. É primordial que se entenda que o(a) professor(a) deva proporcionar momentos em que os(as) alunos(as) sintam prazer ao estar em contato com a contação de histórias, compartilhando o momento, e que os educadores tenham conhecimentos desses

benefícios sobre o desenvolvimento infantil, e saibam utilizá-los adequadamente em sala de aula no ensino e aprendizagem dos(as) educandos(as).

Nesse sentido, trabalhar com a contação de histórias na Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento do prazer e gosto de ler. A criança através do convívio social, que tem o prazer de estar ao redor de quem conta histórias, torna-se um sujeito autônomo, crítico-reflexivo, mostrando-se capaz de atuar sobre os problemas que circundam a sociedade, buscando defender seus ideais.

Durante o decorrer da pesquisa, buscou-se analisar as fases de desenvolvimento das crianças através das contribuições teóricas de Piaget (1988) e Vygotsky (1992). Piaget defende que a criança desenvolve-se por fases cognitivas. Vygotsky, por sua vez, defende que a criança se desenvolve através da linguagem que possibilita a interação social, a mediação com o outro. Assim, considera-se que o estudo destes autores foi de suma importância para construção deste trabalho monográfico, especialmente as sugestões teórico-metodológicas de contação de histórias que, compreende-se, devem corresponder aos níveis de desenvolvimento das crianças.

O desenvolvimento infantil se dá em um processo criado pela própria criança a partir de interações que vivencia, sendo assim a literatura, em especial a contação de histórias, na Educação Infantil constitui uma atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador, que contribui para ampliação do seu desenvolvimento. Assim, a contação de histórias sendo trabalhada de forma adequada contribui para que as crianças desenvolvam e ampliem habilidades essenciais para a sua vida social e formação educativa.

Nesse sentido, elaborou-se sugestões teórico-metodológicas como contribuições para o trabalho a ser realizado com a contação de histórias, por meio de visitas feitas à biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Victor Jurema (E.E.E.F.V.J), analisando os acervos literários lá encontrados para se utilizar como uma boa ferramenta para o(a) professor(a) trabalhar nas práticas de contação. Nesse processo, observou-se que a escolha da história a ser contada é muito importante. Os(as) educadores(as) devem estar atentos a faixa etária dos(as) educandos(as), especialmente o nível de desenvolvimento e os valores sócio-culturais dos ouvintes, para que as histórias sejam adequadas aos seus interesses. O(a) professor(a) que planeja as atividades, tendo em vista a contribuir para que a criança desde cedo tenha uma relação de prazer com a leitura, contribuirá para formação de um sujeito de visão crítica, criativa, inquieta, que aja ativamente perante os acontecimentos da sociedade em que se está inserido.

A valorização da contação de histórias nas salas de aula da Educação Infantil fortalecerá o trabalho do(a) educador(a), que possibilitará às crianças um desenvolvimento mais completo, pois através das pesquisas dos autores compreende-se que as histórias podem perceber o lúdico das palavras podendo criar e recriar novos textos, e iniciar o gosto pela leitura. Além disso, as histórias permitem o contato das crianças com o uso real da escrita, e leva-as a conhecerem novas palavras, discutirem valores como o amor, e família; levam a utilizarem a imaginação, além de desenvolver a oralidade e o pensamento crítico, auxiliando também na construção da identidade da criança, melhorando seus relacionamentos afetivos, as relações interpessoais, abrindo espaços para novas aprendizagens.

Para as sugestões teórico-metodológicas, foram utilizados 5 (cinco) livros de Literatura Infantil para se analisar e sugerir como contar histórias na Educação Infantil. Os livros escolhidos são de resgate dos contadores orais, a exemplo os irmãos Grimm e Andersen, autores reconhecidos e legitimados no campo da Literatura Infantil. Estes livros fornecem textos adequados a cada fase de desenvolvimento, podendo as histórias ser adaptadas à faixa etária das crianças inseridas na escola.

Portanto, através desta revisão de literatura, bem como da prática em campo, foi possível analisar, através das teorias dos autores estudados, que o ato de contar histórias é sem dúvida uma arte que proporciona diversas atividades a serem trabalhadas em sala de aula, nas quais podem ser trabalhadas com o intuito de promover que as crianças se desenvolvam integralmente. Ao término deste trabalho monográfico, almeja-se que o estudo tenha levantado contribuições significativas para a orientação de professores(as) que desejam trabalhar com a contação de histórias na sala de aula, de modo a estimular, inclusive, novas pesquisas, experiências e orientações teórico-metodológicas em torno da temática.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio**. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2006.
- ANTUNES, Walda de Andrade **Lendo e Formando Leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil: Circuito Campeão, V. 2, Série Inicial, Primeira e Segunda Séries**. São Paulo: Global, 2008.
- BATISTA, Cleide Vitor Mussini. Hora do Conto: um espaço para brincar com as palavras. In. **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação, Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação: Brasília, DF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2005.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Arte, técnica, magia e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- \_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, Taisa. **João e Maria**. Jacob & Wilhelm Grimm. São Paulo: Petrópolis, 2006.
- CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: ABDR, 2009.
- COELHO, Nelly. Novaes. **Literatura infantil: teoria análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil:** das origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos).

DONATO, D. **Recontando história:** a leitura e visão de mundo do pré-escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2005. 132f.

FOLLADOR, Simone Fátima Halabura. **Da sala de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte:** Estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FRANÇA, Mary; FRANÇA, Eliardo. **Histórias da Coleção Gato e Rato.** São Paulo:Atica, 1988.

GRIMM, Jacob. **Chapeuzinho vermelho.** Jacob Grimm. Wilhelrn Grimm. Tradução: Verônica Sônia Kühle. Ilustrador Avelino Guedes. 4. ed. Porto Alegre: Kuarup, 1987.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: ABDR, 2008 (Série Educação em Ação).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira.** 6. ed. São Paulo: ABDR, 2007.

LIMA, Francisco Assis d.S., **Conto Popular e Comunidade Narrativa.** 2. ed. Recife/PE: Editora Massangana (FUNDAJ), 2005.

MATOS, Gislayne.A., **A Palavra do Contador de Histórias: sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa Educacional:O prazer de conhecer.** Trad.Sofia Lerche Vieira. 2.ed. ver. e atual-Fortaleza:Edições Demócrito Rocha, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em Literatura Infantil.** São Paulo: Paulinas, 2009.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Seis estudos de psicologia.** Rio de janeiro: Forense, 1996.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer histórias:** revelações, subversões e superações. Campinas: Alínea, 2007.

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro: guia prático de estímulo a leitura.** São Paulo: Ática, 1998.

SAMPAIO, Sonia Maria Vianna Moreira. **Oficina de Contação de Histórias: "Contar com o Coração".** Rio de Janeiro: CCJF, 2011.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNADINO, Andreza Dalla. In: **Educare Revista de Educação.** v. 6. n. 12, jul. dez. 2011, p. 235-249.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

VYGOTSKY, L. S. A pré-história da escrita. In: \_\_\_\_\_. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 119-134.

WEITEN, Mayne. **Introdução a psicologia: temas e variações.** In: BRASIL, Maria Lúcia; BOTELHO, Zaira G.; COLOTTO, Clara A.; SANTOS, José Carlos B. dos (tradutores). São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

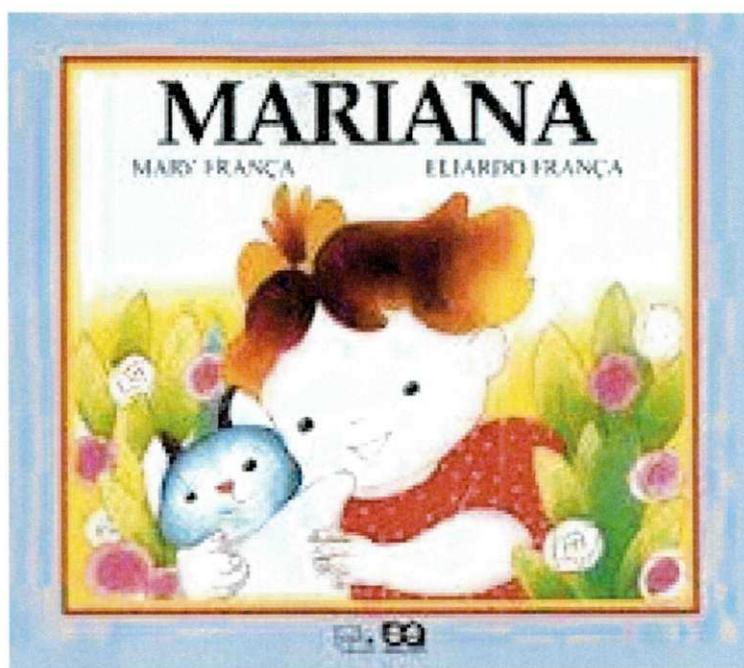
ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. ver. Atual. ampl. São Paulo: Global, 2003.

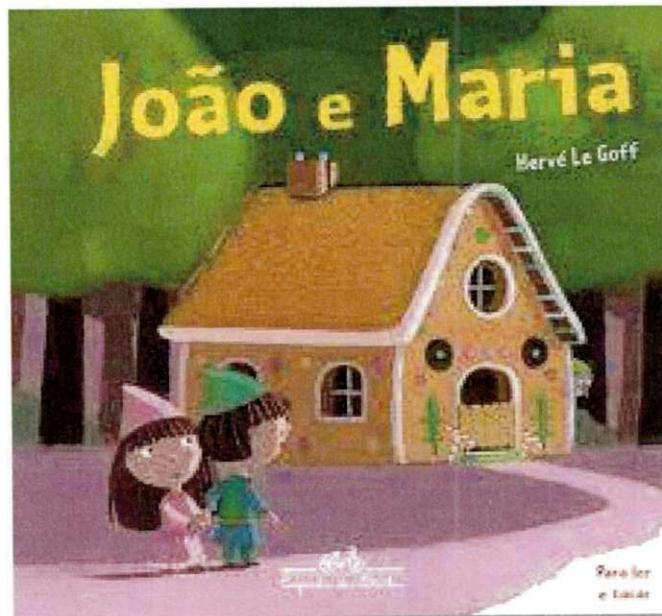
ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a literatura medieval.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

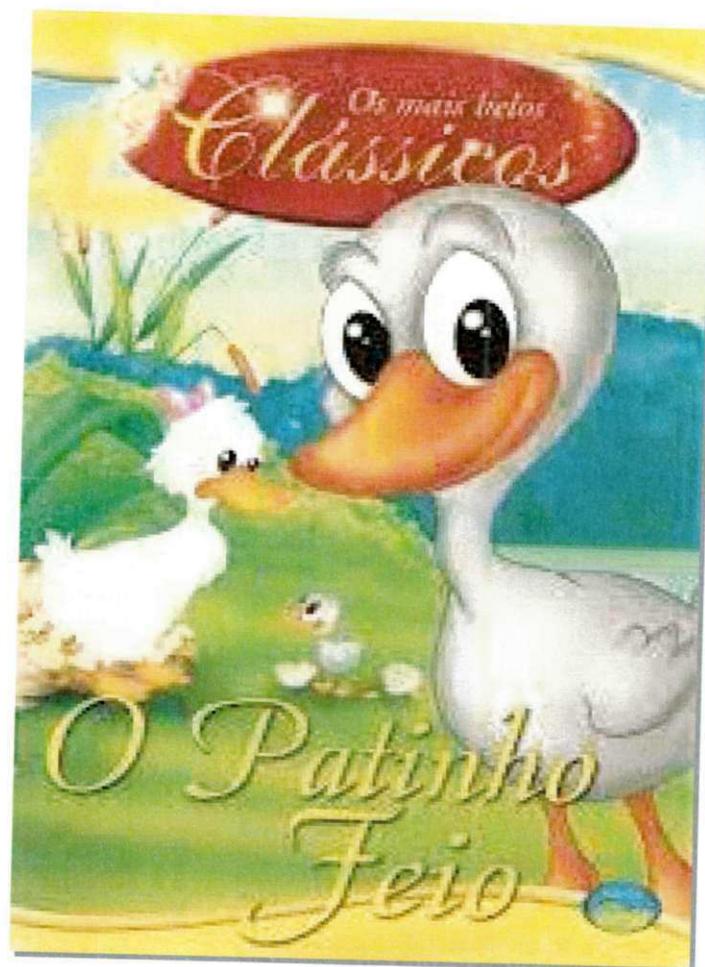
## Anexos

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Ilustrações das Histórias Seleccionadas







UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
FAZDEIRAS • PARAIBA